— CADA NUMERO CONTÊM UMA OBRA COMPLETA —

·A NOVELLA POPULAR· N.º 188

Aventuras extraordinarias d'um policia secreto

Os herdeiros de Lord Randolf

EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COMPE IMPRIME NA EMP. LUSITANA EDITORA —
C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO 60 REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Wh55- 169246

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

A mas notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

1 Viriato, o heroe luso
2 Roma na Lusitania
3 Os barbaros do Norte
4 A Invasão dos Arabes
5 Fundação de Portugal
6 O cerco de Guimarães
7 Egas Moniz
8 Conquista de Lisboa
9 Giraldo Sempavôr
10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
11 Tomada de Alcacer
12 Rainha D. Mécia
13 O Bolonhez
14 O rei trovador
15 Rainha Santa Izabel
16 A Batalha do Salado
17 Inez de Castro
18 Vingança de Rei.
19 A Rainha Adultera
20 Maria Telles
21 Mestre d'Aviz
22 Padeira d'Aljubarrota
23 O Barbadão
24 O Magriço ou os Doze de Inglaterra
25 Os Tripeiros. (Tomada de Ceuta
26 Descobrimento da Madeira
27 O Alfageme de Sant rem
28 O monarcha eloquente
29 A traição de Alfarrobeira
30 Escola de Sagres
31 A Beltraneja
32 Conspiração dos nobres
33 Rei Venturoso

A seguir:

34 Expulsão dos infieis
35 Vasco da Gama
36 A matança dos christãos novos.
37 O Brazil.
38 O Primeiro Vice-Rei.
39 A Conquista de Goa.
40 O Inquisidor.

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia 300

II Impudicicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos 300

III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.. 300

IV (o ultimo volume) Tempos modernos 300

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionaes do incomparavel dectetive

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercalladas
no texto

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por ediçoes luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I—Ditoso lar, *por Marcel Prévost*
II—Aphrodite, *por Pierre Louys*
III Prima Laura, *por Marcel Prévost*

500 Rs. Preço de cada volume brochado Rs. 500

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in 8º gr.

300 rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes

1 Crimes no palacio Jackson
2 O osso d'uma perna
3 Evasão d'um malvado
4 Crimes impunes
5 Calvario d'um assassino
6 Um attentado terrorista
7 A creança martyr
8 Resgate sangrento
9 A falsa suicida
10 Um drama nas nuvens
11 Junto da guilhotina
12 Jackson, em poder dos bandidos
13 O cão policia
14 O esqueleto vivo
15 Bandidos de casaca
16 A rainha dos apaches
17 Duas façanhas notaveis
18 Jackson envenenado
19 Ressurreição de Jackson
20 Sapatos de defuncto
21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes
22 Mulheres policias
23 Um milhão de francos
24 As bravatas de um Yankée
25 Coração torturado
26 O quarto dos mortos
27 A cabeça cortada
28 O segredo do conde
29 Tragado pela areia
30 A derrota dos bandidos
31 Os mysterios de Chicago
32 O subterraneo dos cadaveres
33 Por seguir uma mulher
34 A renuncia de Lord Jackson

60 REIS cada volume — Serie completa, 2:000 rs

ACD 823.91 D598.99 P47 v. 8, no. 188

Numero 188 Lisboa, 23 de Janeiro de 1913 Anno V

Os herdeiros de lord Randolf

CAPITULO I

Sherlock Holmes recebe uma visita

Por uma bella tarde de outubro, Sherlock Holmes, sentado á secretaria ia passando pela vista a sua numerosa correspondencia ao mesmo tempo que expellia para o ar enormes baforadas de fumo que tirava do seu cachimbo de cabeça de bul-dogue.

N'isto a senhora Bonnet, a boa governanta de Sherlock entrou e entregou-lhe um bilhete de visita.

—Está lá fora um cavalheiro muito distincto, ia dizendo a boa senhora, possuida por um sentimento de funda consideração pela pessoa de que fallava, e que pergunta se o senhor lhe pode dispensar alguns minutos de attenção.

—Mande entrar.

Um individuo alto e de edade já respeitavel entrou no gabinete do policia. Trajava com elegancia e o rosto distincto e agradavel apresentava um par de suissas completamente brancas.

Com uma desenvoltura que a sua avançada idade —parecia ter setenta annos— lhe não devia ter permittido, caminhou para o policia e apertou-lhe a mão.

—Muito me alegra o poder emfim conhecer o policia de quem todo o mundo se occupa! Tenho ouvido fallar tanto da sua gloria sr. Holmes que realmente sentia immenso desejo de o conhecer. Além de que tenho a pedir lhe que se interesse num caso que me diz respeito e que muitissimo me preoccupa.

—Queira ter a bondade de se assentar senhor, disse Sherlock Holmes apresentando ao lord uma confortavel cadeira. Se o que me pedir estiver na minha mão e o tempo escasso de que disponho me permitta fazel-o, pode contar comigo, lord Randolf.

—Quer dizer que actualmente está muito preoccupado com outros trabalhos?... disse o lord muito desapontado. Isso agora é que é o demonio! E dizer eu que nenhuma outra esperança me restava! Porque é preciso que se saiba só no senhor é que eu actualmente tinha esperança... Se o senhor tomasse conta do caso, estou certo que o levaria a bom fim e me restituiria a paz e a alegria, ainda que não fôsse senão para emfim com a consciencia tranquilla e o coração contente me ir juntar lá em cima aquelles que a morte me levou!...

—Então mylord! por quem é! replicou o policia rindo. Felizmente ainda ha boas esperanças! A sua saude e magnifico aspecto— isto sem lisonja—tornam muito estranho todo e qualquer presentimento de morte.

O lord abanou melancolicamente a cabeça.

—Pode rir quanto quizer meu amigo! Mas a verdade é esta: ha uns tempos para cá, estes pensamentos perseguem-me constantemente, ainda mesmo que a saude me não falte. Quem é que jamais conseguiu adivinhar o dia em que a morte ha de chegar? Ninguem! ninguem! E eu queria pôr em ordem tudo o que me diz respeito e livrar o meu espirito do pesado fardo que me opprime ha tanto tempo já. E' por isto tudo que eu peço o seu auxilio e possa o senhor prestar-m'o e concorrer assim para a minha ultima felicidade!..

—Vamos pois a saber do que se trata, mylord. Comprehende perfeitamente que sem conhecer do que se trata nada posso resolver.

—Perfeitamente sr. Holmes. E' para mim já uma grande consolação que o meu amigo me não despeça antecipadamente! Vou-lhe contar tudo, fiado como estou na sua discreção.

—Pode contar com ella, mylord.

—Oiça pois a minha confissão. Tenho um filho, um magnifico rapaz a quem eu, n'um arrebatamento de colera expulsei de casa. Este meu filho, que tinha herdado de mim a violencia de genio, deixou-se arrastar uma occasião por ella e espancou o meu administrador deixando-o inanimado e crendo firmemente que o tinha morto. Foi-me confessar o que fizera e a colera arrebatou-me a tal ponto que lhe disse palavras durissimas apontando-lhe para a porta. Passaram-se já seis annos, e eu não sei onde é que o meu filho, o meu unico filho, o herdeiro do meu nome se encontra, nem sei até se elle ainda vive.

E lord Randolf cobriu o rosto com as mãos presa de uma grande commoção.

—Mas o administrador ficou morto? perguntou Sherlock Holmes interessando-se.

Lord Randolf recobrou animo dizendo:

—Queira desculpar senhor, se me deixei arrastar pela dôr! E' preciso porem que saiba tudo. Os unicos culpados fômos, eu com o meu impeto de colera, e tambem o administrador com quem o meu filho se zangara e com razão, como eu depois soube, infelizmente porém quando já era muito tarde. Eu tinha sido um bocado mesquinho com meu filho, no que dizia respeito a dinheiro e para lhe evitar que désse alguma cabeçada. Mas o rapaz tinha arranjado algumas dividas e receava dizer-m'o, não fôsse eu ás vezes arrebatar-me. De modo que valeu-se do meu administrador que lhe emprestou grossas quantias mas com tamanhos juros e garantias que o modo de proceder do meu administrador era mais uma descaradissima extorsão do que outra coisa. Mas o meu pobre Oliveiros não se atrevia a confessar-me a verdade. D'uma occasião porem em que o patife do meu administrador se apresentara com maiores exigencias, meu filho não se poude conter. Deu livre expansão á sua colera protestando contra semelhante modo de proceder. A discussão foi acalorada e quando o meu administrador apresentou a escolher a meu filho, ou pagar a quantia exigida ou sujeitar se a que elle viesse ter comigo e me contasse tudo, meu filho perdeu a cabeça e, completamente fóra de si, extendeu por terra o miseravel com um terrivel socco.

Foi então que veiu ter comigo e me contou tudo o que fizera. Receei pelo meu nome e pela minha honra e expulsei-o de casa, sem querer saber se mais tarde elle viria a encontrar-se a braços com a miseria. Não lhe quiz ouvir desculpas nehumas; não lhe permitti defesa. Expulsei o.

Mas o administrador não estava morto. Voltara a si depois de um lapso de tempo. Soffrera apenas um violento abalo cerebral, de que comtudo se restabeleceu no espaço de uma semana. Mandou-me pedir que fôsse ter com elle, e confessou-me tudo. Foi com verdadeiro terror que elle sobe da expulsão de meu filho, do meu Oliveiros. Não era isso que elle quizera. Como a tantos outros, sómente a cupidez é que o impellira a valer-se das circunstancias. Pediu-me muito e entre lagrimas que lhe perdoasse; estava realmente arrependido e expiou realmente no meio de inapagaveis remorsos as culpas que tinha.

—E apezar de todos os seus esforços para encontrar outra vez seu filho, nunca mais o conseguiu ver não é verdade?

—E' verdade sr. Holmes! Não houve meio nenhum de que me não valesse. Mandei investigar por todas as partes do mundo, por todas as colonias do imperio britannico, utilisando me tanto dos serviços do governo como dos particulares. Annunciei durante annos em todos os grandes jornaes inglezes. Prometti grandes alviçaras a quem me indicasse o paradeiro de meu filho; fiz até viagens pelo mundo fora... Mas tudo, tudo em vão! Sanderson, o meu administrador e a quem eu mandára entregar as sommas emprestadas a meu filho, pôz toda a sua fortuna á disposição das diligencias emprehendidas não se importando de a gastar toda só para descobrir o paradeiro do meu Oliveiros. Debalde! Não havia o minimo vestigio, o minimo rasto. Só de uma occasião é que julgmos ter descoberto alguma coisa; foi quando terminou a guerra com os boers. Lord Methuen, o celebre general inglez, que conhecera muito bem meu filho, veiu-me procurar e disse-me que ao despedir-se em Pretoria dos officiaes inglezes lhe parecera reconhecer meu filho n'um dos jovens officiaes. Mas ao chamar-lhe Oliveiros Randolf, o official disse-lhe estar enganado pois que o seu appelido era Lupton, de sua profissão engenheiro e que nunca na sua vida fôra sir Randolf. De resto, accrescentava o official, já não era a primeira vez que o engano se dava com elle. O proprio Methuen ficou embaraçado pois que já se tinham passado alguns annos desde a ultima vez que o tinha encontrado. O que era possivel era que o sol e a vida do campo de batalha o tivessem mudado, de tal modo a poder se duvidar, se realmente Lupton era ou não o meu filho. Mas eu estou convencido que lord Methuen se não enganou. O meu querido filho o meu Oliveiros ainda existe! Não pensa assim tambem sr. Holmes?

—Acho que não é impossivel, mylord! Mas falta todo o vestigio todo o rasto para que se possa entrar n'uma diligencia qualquer. E sobretudo falta um ponto de partida, uma base segura para que se possa emprehender uma viagem á Africa e principiar lá com as investigações.

Lord Randolf olhou para o celebre policia com uma expressão onde se patenteava o maior desalento.

—Então, não se sente com forças para metter hombros á empreza e para isso viajar até á Africa?

—Tenho muita pena, mylord; queria lhe ser util, tanto mais tratando se de um pae atribulado como V. Ex.ª, que procura ha tanto tempo e em vão um filho querido. Mas é-me completamente impossivel actualmente ainda que a viagem á Africa fôsse possivel, abandonar Londres por tanto tempo. N'esta occasião encontro-me a braços com varias diligencias que exigem todo o meu esforço e trabalho. Comprehendo perfeitamente mylord que agora, desde o momento que tomei conta d'ellas se me torna impossivel o deixal-as de parte.

—Valha-me Deus! suspirou o lord. Deste modo tenho que dizer adeus a todas as minhas esperanças! Esta era a ultima... e morreu tambem!... Nunca mais verei o meu filho, o meu Oliveiros!...

Lord Randolf estava profundamente abatido, e uma lagrima rolou lhe pela face. N'aquelle momento dava a impressão de um homem que recebesse a mais terrivel desillusão. Sherlock sentia-se por seu lado, preso da mais profunda pena, mas infelizmente não podia ser util de modo nenhum ao pobre pae. Tudo exigia em Londres a sua presença. E não era sobre uma tão fallivel supposição de lord Methuen que Sherlock poderia ir emprehender as investigações que o caso exigia. Demais a mais o proprio lord Methuen reconhecia ter-se enganado.

De modo que ir dispender alguns mezes n'uma viagem até á Africa parecia lhe rematada loucura e um dispendio de tempo, além de inutil, nocivo para aquellas dilligencias que o prendiam a Londres.

—Infelizmente é impossivel, replicou Sherlock. De resto, tudo que aqui em Londres se possa fazer esteja certo de que o farei. Quem sabe até se o filho

de V. Ex.ª se não encontra aqui em Londres! Se ha algum logar do mundo aonde se possa ficar sempre desconhecido, esse logar é Londres!

Um relampago de esperança brilhou nos olhos do velho lord.

—Quer suavisar sómente a minha dôr, bem vejo! E' muita bondade da sua parte.... Mas realmente acredita que...

—Sem duvida! Não quero dizer que seja com certeza aqui em Londres que elle se encontra. Mas certamente, mais tarde ou mais cedo sentirá a nostalgia da patria, da sua querida Inglaterra e provavelmente torna a vir vêl-a e fica em Londres. E fique certo de que não perderei de vista a sua angustia. Hei de investigar, estenderei até as minhas investigações á Africa. Ha de concordar, meu caro lord, que possuo já uma certa experiencia do que são estes negocios. Pode se saber tanta coisa respeitante a Africa e sem sair d'aqui!...

Lord Randolf ergueu se. Readquirira a sua primitiva elasticidade. A consciencia, embora ainda não possuida no grau desejado, de que alguma coisa ainda havia a fazer, tinha-lhe reacendido a esperança quasi extincta.

Apertou cordeal e sinceramente a mão ao celebre policia.

—Os meus mais sinceros agradecimentos, sr. Holmes! Recebi vida nova. Talvez que Deus me conceda a immensa alegria de tornar a ver ainda o meu filho. Quem sabe! E portanto adeus, e não se esqueça de mim e não esqueça tambem, que o dinheiro para mim nenhum valor possue!

CAPITULO II

Duas bicycletas roubadas

—Temos ainda umas boas dez leguas, d'aqui até Randolf Hill, meu caro Harry. Proponho portanto que tomemos qualquer coisa aqui na Estalagem de Threeroads, antes de nos pôrmos a caminho até lá.

E dizendo isto Sherlock dirigiu a bicycleta para a estalagem. Harry Taxon seguiu-lhe o exemplo.

Cerca de cem passos mais adiante havia o edificio da Midlaud Rallway Company e a uma legua de distancia viam se já os telhados vermelhos da aldeiasita de Threeroads Borough, destacando d'entre a verde folhagem dos pomares.

Como a Randolf Hill estivesse um tanto ou quanto afastada do caminho de ferro, Sherlock decidira-se a fazer em bicycleta o caminho que o separava de lá. Chegados á estalagem os dois policias desmontaram e entraram depois na humilde mas aceiadissima sala onde se encontravam apenas dois aldeões bebendo o seu whisky com soda. Dirigiram-se ao estalajadeiro encommendaram uma omellete, cerveja preta e atravessando a sala fôram para uma das salas contiguas, para não serem incommodados por ninguem.

Harry olhava muito intrigado para o mestre pois que ainda não conseguira perceber que fim teria aquella passeiata em bicycleta, passeio que, diga-se de passagem lhe fôra summamente agradavel.

Sherleck Holmes accendeu com todo o vagar o cachimbo e olhou sorrindo para o discipulo por entre as nuvens de fumo.

—Para castigar a tua curiosidade, o que eu devia fazer era não te dizer que vamos passar a noite n'uma das mais aristocraticas residencias do paiz dos Torys.

—Interessante não ha duvida! Mas sempre lhe direi, mestre que as suas palavras não fazem mais do que fortificar a curiosidade que me domina...

—Pois bem, cabeça tonta! vou ter compaixão da tua curiosidade. Uma vez que o caso do assassinato em Coventgarden acabou mais depressa do que eu julgava, resolvi-me a fazer o que lord Randolf me pediu e que eu lhe recusára. Tenho trazido estes dias sempre presente na memoria o rosto cheio de tristeza e desespero que elle apresentava e entendi-me com o inspector Gordon a respeito de alguns casos menos importantes e é por isso que estou livre por alguns mezes. Ora, agora diz lá tu para aonde é que suppões que vamos emprehender viagem?

Harry Taxon levantou-se electrisado.

—Alguns mezes! Mestre por quem é supplico-lhe que me não torture a paciencia!...

—E' verdade meu rapaz o caso é de importancia! A viagem é até á Africa onde vamos fazer investigações acerca do desapparecido filho e herdeiro de lord Randolf.

Harry Taxon ergueu se de um salto e agitou no ar o seu gorro de ciclista.

—Hip, hip, hip, hurrah pela Africa! Ha quanto tempo já que eu o desejava! E ó mestre, eu tambem vou?

—Está claro que vaes! Mas não me parece que a nossa viagem seja como a de certos ex-presidentes e milionarios que vão lá apenas para caçar leões e elephantes. Vamos-nos ver a contas com trabalho mais serio, pois que se trata de dar a um pobre pae o filho ha tanto tempo desapparecido.

—Seja lá como fôr, mestre. Estou contentissimo por ir ver e conhecer novas terras e sobretudo essa maravilhosa terra africana que tantos segredos guarda ainda no seu seio. Para mim o principal é que eu lá lhe possa servir de alguma coisa. O que eu quero é ser-lhe util. E' este o meu mais ardente desejo e a minha melhor recompensa.

—Nem eu esperava outra coisa de ti meu rapaz, pois do contrario deixar te-ia cá ficar sem mais preambulos. E' uma partida muito arriscada, esta que vamos emprehender e preciso de uma prova na qual possa confiar e que possa substituir-me em corpo e alma quando as circumstancias o exijam.

Harry, que era um tanto ou quanto matreiro, fechou os olhos encantado do que ouvia.

—O' mestre, fala de mim?! A minha vaidade não conhece limites... E falando com seriedade espero que as suas supposições não lhe saiam erradas. Quem me dera que o mestre estivesse no garrote só para ter o prazer de o tirar de lá!...

—Safa! Era o que me faltava! replicou o policia rindo. Agradeço-te muito os teus bons desejos, mas dispenso-te de m'os prestares... Agrada-me antes a dar cabo d'esta omolette...

O jovial e soturado hospedeiro tenha entretanto servido a omolette e os dois policias, devoraram-na em poucos minutos.

Acabado a frugal refeição, Sherlock Holmes poz-se a pé e disse para o discipulo.

—Agora, toca a andar! Convinha que chegassemos ao castello antes de escurecer, mas o peor é que ainda estamos muito longe!...

Harry poz-se a pé. Sherlock pagou ao hospedeiro e ambos os policias se dirigiam para a porta.

Mas aqui pararam espantados, e olharam um para o outro sem comprehender nada. As bicycletas haviam desapparecido, O hospedeiro nada sabia a tal respeito, nem déra por cousa alguma e Sherlock ficou muito zangado tanto com Harry como comsigo proprio por se não ter lembrado de as collocar em logar seguro. Mas agora que servia estar com lamentações? O remedio que havia era engulir a pilula e ir a pé sem mais demoras para o Castello de Randolf. Tinham ainda que palmilhar umas boas dez milhas. E o caso é que apesar de toda a sua rapidez já era noite ha muito tempo, quando chegara mao portão do parque do castello.

—A bem dizer é inutil ir encomodar o velho Lord a essas horas da noite. Naturalmente nem nos deixam entrar. O melhor que temos a fazer, parece me, é, para não irmos desassogar ninguem ir passar a noite na mais proxima estalagem e logo de manhã visitar o Lord.

Parece-me que não deixa de ter razão, mestre, replicou Harry. Mas veja, veja! o que é aquillo que brilha acolá ao pé da grade?

Quando as nuvens que escureciam a lua se afastavam por alguns momentos, Harry exclamou:

—Sabe o que é mestre! Um par de bicycletas.

E desatou a correr para lá. Em seguida deu um grito de admiração.

—Mestre, mestre, acredita ou não, são as nossas bicycletas!... Como diabo vieram ellas aqui parar?...

—E' realmente esquisito! disse Sherlock Holmes que entretanto se aproximara. Que diabo!

Aqui anda marosca! Aconteceu qualquer cousa no Castello e quer-me parecer que grossa maroteira. D'este modo o melhor que temos a fazer é não deixar para ámanhã a nossa visita. Talvez que encontremos mais trabalho do que julgavamos. Não se me tira da cabeça que foram gatunos que chegaram na comboio para fazer uma visita a Randolf Hill e aproveitaram a occasião vendo as nossas bicycletas para chegarem mais cedo ao destino que queriam.

Harry Taxon fez um gesto de assentimento deixou ficar as bicycletas onde estavam e preparava-se já para abrir a porta do parque do castello quando tanto elle como Sherlock ouviram, muito abafado mas distincto o som de varios tiros de pistola e que sem duvida previnham do castello. A lua velára-se de novo e a folhagem outoniça das altas arvores do parque sussurrava impellida pela brisa nocturna. Sherlock Holmes pousou a mão sobre o punho da sineta e puxou por elle...

N'este momento porem á porta escancarou-se como por encanto e emquanto o grande policia penetrava por ella e tropeçava saltaram de lá dois vultos negros e derrubaram Harry que não esperava um tão repentino ataque.

Houve um momento de surpresa Entretanto os desconhecidos precipitaram-se para as machinas que brilhavam aos fracos raios do luar e Sherlock poude ouvir uma ordem qualquer dada numa lingua extranha. Antes que o grande policia pudesse fazer qualquer cousa e que Harry tivesse tido tempo de se levantar do chão já os dois vultos tinham saltado para as bicycletas e numa correria louca pedalavam pela estrada fóra em direcção á estação de Phreeroads.

—A coisa annuncia-se bem! disse o policia zangado. N'este recontro não nos serviu nada a gloria. Mas que diabo! quem é que esperava uma coisa d'estas? Naturalmente eram criminosos afugentados pela valentia do velho Lord.

—Em todo o caso!... resmungou Harry um tanto arreliado, e esfregando a parte do corpo que mais soffrera na queda. O estafermo que me deitou a baixo trazia mascara preta na focinheira. Pelo menos foi o que me pareceu. Ia tão depressa! Naturalmente o outro tambem. mas desse não vi senão uma apparição muito rapida.

—Se for verdadeira a tua supposição então estamos em frente de um bando de criminosos. Que bons policias que nós somos! Deixamos que nos roubem as bicycletas!.. Mas deixa estar que tiraremos a desforra! Muito ha de rir quem for o ultimo a rir! Entremos

E Sherlock poz-se a tocar com toda a força a campainha do portão. Mas não recebeu nenhuma resposta, nem sequer um signal de que a crmpainha electrica cujo som estridente se ouviu distinctamente ao longe fora ouvido por alguem do palacio. Como o portão estava aberto os pois policias entraram com toda a cautella e fecharam-no apoz si.

Reinava um silencio sepulchral; somente o ciciar monotono da folhagem e dos ramos das arvores do parque. Um caminho largo e comprido ladeado por magestoso arvoredo conduzia até a uma especie de largo onde brilhavam como espetros duas estatuas de marmore, uma de Flora e outra de Diana. D'aqui o caminho levava a uma especie de rampa ao fim da qual se encontrava o velho castello de Randolf.

CAPITULO III

O segredo do Castello de Randolf Hill

Os dois policias dirigiram-se em seguida para a porta do castello. Ambos iam de revolver engatilhado e promptos a fazer fogo.

Quando Sherlock levou a mão ao pesado latente da porta, esta cedeu com grande espanto de parte dos nocturnos visitantes. Não tinha sido fechada por ninguem. De modo que surprehendidos por aquelle caso e usando portanto de todas as cautellas ambos os policias entraram.

O grande policia fez brilhar a sua lampada electrica e pôde ver que se encontrava n'um luxuoso vestibulo. A' direita e á esquerda havia degraus conduzindo para os aposentos. N'aquelle momento Harry agarrou no braço de Sherlock e levantou a mão indicando-lhe qualquer coisa.

—Escute! O que é aquillo?

Ouviu-se um gemido abafado Ambos os policias sa dirigiram para a esquerda d'onde vinham os gemidos e poderam ver que a porta estava apenas encostada. A' luz da lampada poderam notar que estavam num aposento muito simples que talvez fosse a habitação do porteiro. Os gemidos vinham agora de mais perto e quando os policias dirigiram as suas lampadas electricas para a parede do fundo poderam ver qual era a causa d'esses gemidos.

Foi com terror que viram no chão, nadando n'um lago de sangue um individuo já bastante edoso. Sherlock Holmes curvou-se para elle e o seu espanto cresceu ao ver cravado no peito do tal individuo, que aparentava uns cincoenta annos e parecia ser o administrador, uma faca muito ordinaria.

O policia abanou a cabeça e trocou com Harry um olhar espantado. O individuo em questão estava ferido gravemente sem sentidos e parecia gemer involuntariamente. De subito o desventurado levantou-se um quasi nada, levando a mão ao ferimento num gesto doloroso. Abriu muito os olhos como se tivesse um espectro deante de si e sibilou quasi imperceptivelmente:

—O africano! te Raios partam! Paga-me a minha divida! Maldito africano!

Mas a arma assassina parecia ter se revolvido com o movimento que o desgraçado fizera. Talvez que isso acontecesse ao levar a mão ao ferimento. A faca rolou, e uma onda de sangue correu pelo tapete. Um estirar de membros e o desvenrurado ficou immovel.

—Morto!—murmurou Sherlock impressionado.

De repente um pensamento qualquer passou-lhe pela mente... Recordou-se de um facto...

Mas era um pensamento terrivel. Lembrava-se da conversa que tivera com Lord Randolf. Aquelle individuo de cincoenta annos que alli jazia morto devia ser o administrador Sanderson, o culpado da expulsão do joven Lord. E não lhe contara Sir Randolf a elle Sherlock que o arrependimanto de Sanderson o tinha reconciliado com elle? Conservara-o junto de si naturalmente para ter com quem conversasse acerca do dasaparecido. O africano a quem elle amaldiçoara, a divida a que se referira, sim tudo isso concordou como que o Lord dissera. Seria aquella a vingança do africano?

Mas o policia precisava de se dirigir quanto antes para cima. Precisava de ver o velho Lord o qual lhe escrevera dando-lhe Randolf Hill como sua actual morada. Nos principios de Novembro iria para a sua casa de Londres. Dado o caso que não andasse em viagem, naturalmente encontrava-se no castello e fora elle talvez quem por meio dos tiros ouvidos ha pouco tinha afugentado os criminosos.

Puzeram se a percorrer diversos aposentos nos quaes porem se não notava a minima desordem. Havia um comprido corredor pelo qual seguiram inda dar por fim a uma alta porta a qual abriram.

Como as estantes mostravam ao clarão das lanternas, aquelle era o gabinete de trabalho e bibliotheca do Lord que como politico estivera muita vez em evidencia.

Quando o policia dirigiu a luz da lanterna para um dos cantos do aposento, tanto elle como Harry deram um grito de terror. O velho Lord jazia prostrado na sua poltrona em frente da secretaria, com a cabeça para traz e jorrando sangue. Na mão direita pendente segurava ainda um revolver. Os olhos estavam fixos n'uma expressão de terror... o Lord era um cadaver. Parecia ter sido attingido por tres tiros: o peito mostrava uma ferida sobre o coração e a cabeça apresentava dois pequenos orificios.

Fora ali pois que os tres tiros que os policias tinham ouvido, haviam sido disparados. E bastava tambem um olhar para se ver que o revolver do Lord não chegara a fazer fogo.

A bella e entalhada secretaria. Renascença estave situada perto da janela. Fôra ali que o pobre Lord sa tinha sentado a ler os numerosos jornaes e gazetas até que os assassinos o tinhum ido surpreender.

Sherlock Holmes caminhou para a janella para reconstituir a scena e verificar como é que os tiros tinham sido disparados sobre o Lord.

N'este momento soou fôra uma detonação e uma bala penetrou pela grossa vidraça. Um segundo e terceiro tiro e duas balas assobiaram aos ouvidos do grande policia.

O policia deu um salto e abaixou-se collocando-se fora do alcance da luz.

—Harry, apaga a luz! ordenou elle. Os assassinos voltaram ou então ha ainda cumplices aqui.

Tornou a reinar a escuridão e executando as ordem do mestre, Harry precipitou-se pela porta fóra saindo para o parque.

Mas aqui tudo estava vasio e solitario e em volta nem um só vestigio de sêres vivos.

Harry pretendia ter ouvido um ruido, como que um ramo que se quebra ou uns passos leves e apressados. Mas isso podia ter sido tambem o vento que partia as arvores e os ramos já seccos e arrastava a folhagem amarelada adiante de si.

Uma busca pelo solitario parque não deu resultado algum. E, apezar de os dois policias permanecerem na espectativa de ou acharem qualquer pessoa no parque ou de receberem algum outro tiro o caso é que nada mais puderam ver.

—Os criminosos naturalmente foram já socegadamente para Londres e ahi, adeus investigações, ninguem dará com elles.

Sherlock Holmes permaneceu pensativo por alguns momentos. Todo aquelle acontecimento estava ainda involvido em trevas. Era ainda desconhecida a mola real d'aquelle crime: tudo jazia ainda envolvido no mais profundo misterio. E de novo se apresentava á mente do policia a figura do assassinado. Todas as vezes que forcejava por affastar de diante dos olhos aquelle terrivel espectaculo tornara o de novo a receber.

—Tem paciencia Harry, disse Sherlock rompendo o seu silencio, mas tudo o que acabas de dizer não tem senso commum. Parece-me pelo contrario que voltaram, mal nos viram e que andam por aqui perto. Tiveram medo que déssemos com o cadaver e com o roubo praticado. Podiamos ainda talvez ir em sua perseguição e apanhal-os no caminho. Sabes uma coisa que me lembrou? Vamos ver se ha cavallos na cavalariça. Admirar-me ia muito se o lord, apezar de todo

o seu pouco amor pelos passeios não possuisse cavallos e carruagem!

Tinham-se dirigido para a cavallariça que estava situada por detraz do palacio. Mas com grande desapontamento verificaram que as cavallariças estavam vasias. Estavam já desanimados quando entraram num compartimento ao lado. Ao clarão da lanterna Harry pode vêr alguma coisa que lhe fez dar um grito de alegria.

—Um magnifico automovel do Doimler and Company! Não é para admirar que o lord tivesse vendido os cavallos todos!

Saltou para o auto e verificou como experimentado chauffeur que era, que o carro estava em perfeito estado. Depois de trazer a benzina necessaria e que estava num aposento contiguo deitou agua nos depositos do acetylene, acendeu as lampadas e tirando o bonnet disse dirigindo-se a Sherlock:

—Mestre o auto está prompto a seguir viagem. Queira ter a bondade de subir!

Fecharam as portas do pavilhão e em seguida subiram para o auto. Harry poz o motor a trabalhar. Ambos os projectores das lanternas vomitaram ondas de luz. O carro poz se em movimento, passou pela rampa fora, seguiu pela avenida do parque e saindo pelo portão precipitou se pela estrada numa velocidade de cincoenta kilometros á hora.

Quando o automovel dobrou a avenida saiu da escuridão uma figura negra e olhou para os dois policias. Tirou qualquer coisa luzente da algibeira, mas em seguida guardou-a. Nem o grande policia nem o discipulo poderam notar que o vulto negro subira a escadaria e desaparecera no interior do edificio.

CAPITULO IV

Primeiras viagens

O rapido de Liverpool-Londres estava ainda na pequena estação de Thecevaeos onde tinha somente dois minutos de espera.

De repente appareceram numa correria louca dois ciclistas e saltaram das maquinas: Soara já o signal da partida. Os dois individuos collocaram as bicycletas contra a parede da estação e conseguiram abrir num segundo as portas do ultimo vagon saltando para dentro. Em seguida o comboio poz-se em movimento.

Ouviu-se então uma buzina que tocava desesperadamente e um esplendido automovel Doimler apareceu parando deante da estação. Sherlock saltou de dentro e o seu discipulo seguiu o. Mas era já tarde. O chefe da estação fez-lhes um signal, dizendo ser inutil toda a tentativa: o maquinista já não daria por signal nenhum que lhe fizessem.

Emquanto porem o comboio fugia rapidamente, apareceu á janella do ultimo wagon um rosto sorridente e negro. Desappareceu porem immediatamente como se o possuidor tivesse sido puxado de dentro com violencia pelo companheiro.

—Era um preto, ir jurar por tudo quanto ha! disse Harry apontando para o comboio. O que eu tinha tomado por uma mascara preta, não era mais do que o estafermo do preto. Toca a ir-lhes na piugada Mestre! Os assassinos são aquelles e mais nenhuns!..

Sherlock ficou por alguns momentos petrificado. «Aquelle estafermo do preto!» palavras que Hany pronunciara, soaram lhe ao ouvido despertando-lhe um mundo de pensamentos. Era assim quasi, que Sanderson se tinha expressado antes de morrer.

—Mas agora é impossivel Harry! replicou o grande policia. O comboio já vai longe! Vamos ver comtudo se será possivel chegar á estação de Westend de Londres antes do comboio e ver se assim apanhamos os dois patifes.

—E porque não mestre? Dá-se-lhe toda a força ao automovel. O que se póde fazer, faz-se. Não seria a primeira correria doida que teriamos feito!

—Pois então toca a andar. Um segundo que se perca é uma perda incalculavel.

Correram para o automovel. Mas ao olharem para a parede da estação, viram porem uma bicycleta encostada a ella.

Approximou-se e verificou que effectivamente assim era.

—Mas então onde diabo puzeram elles a minha? Porque fora de duvida que se serviram de ambas. Não os vimos nós amontados nas maquinas?

—Naturalmente levaram uma com elles. Vou levar a minha no auto. Aliáz tornam-m'a roubar sem graça nenhuma!

—Ora esta! Estou realmente intrigado com a minha maquina! Sempre quero ver se lhe torno a pôr a vista em cima! O raio da bicycleta está embuchada...

Puzeram a magnifica bicycleta de Sherlock dentro do auto e tomaram logar dentro d'este. O motor trepidava já e d'ali a momentos saia da estação, dirigindo-se numa velocidade de setenta e cinco kilometros á hora em direcção a Londres...

Tivessem elles voltado para traz durante a primeira legua e teriam talvez dado por um ciclista que os seguia. Mas toda a sua attenção estava concentrada num unico sentido e não deram por nada.

Apezar, porém da sua extraordinaria rapidez, o ciclista ficou para traz.

O auto seguia vertiginosamente. Mas infelizmente foi impossivel aos dois policias chegar á estação antes do comboio, pois que este já lá estava embora ha só cinco minutos. Porém estes cinco minutos tinham sido o sofficiente para que muitas carruagens se esvasiassem e o negro mais o companheiro tinham se sumido por entre a onda humana sem que fosse possivel dar por elles.

Harry estava arreliadissimo por terem sido baldados todos os exforços, mas Sherlock Holmes encolheu os hombros.

—Devemos estar preparados sempre para decepções como esta meu velho. Demais a mais isto foi uma viagem fora do programma. Vamos dentro em pouco achar o verdadeiro caminho. A primeira coisa a fazer é ir á Scotland Iard relatar o assassinio de Sanderson e Lord Randolf, para que o cadaver seja levado para o logar competente.

Harry poz outra vez o motor em movimento, deu volta ao guiador e dentro em pouco os dois policias tinham desaparecido na escuridão ainda espessa da manhã nascente e no meio do nevoeiro que envolvia Londres.

* * *

Seriam cerca de nove horas da manhã, quando um individuo bem vestido se sentou para tomar a sua refeição matutina em um dos pequenos mas corfortaveis hoteis de Westend. Um negro zulú, forte e corpulento que não despregava os olhos do amo, ia-o servindo cuidadosament e, deitando-lhe chá quando o amo assim que ria. O rosto d'este, fino e distincto mostrava comtudo uma pallidez doentia e os seus movimentos tinham um não sei que de fraqueza, de debilidade.

O senhor hoje tem qualquer coisa que o apoquente, disse o negro com uma expressão de tristeza, ao mesmo tempo que ia servindo o amo, deitando-lhe chá. Hoje fez grandes esforços. Bumpo é que tem a culpa e queria apanhar muitas bofetadas por ser culpado,

—Tens razão Bumpo. Foi uma tolice. Tambem o comprehendi hontem assim, mas tu bem sabes como eu estou. O dinheiro que eu tinha para a viagem era pouquissimo e foi-se todo. E como vim para o fim que sabes, foi até muito bom não perder tempo algum.

O mancebo que aparentava ter uns triuta annos poz de parte a chavena.

—Dá-me um charuto, Bumpo. Bello! Não resta mais nada para vender, parece-me, a não ser...

E o sujeito pallido accendeu o charuto e dirigiu-se para o quarto de dormir.

Quando voltou, trazia na mão um precioso annel de brilhantes, os quaes lançavam clarões azulados. Era um annel antigo, um trabalho da velha ourivesaria ingleza, com a cravação formada por duas mãos que erguiam um coração d'oiro, simbolo do amor e no meio do qual havia uma preciosissima pedra.

O olhar do mancebo pousou quasi dolorosamente e quasi com remorso sobre aquelle annel nupcial do seculo XVII.

— Tenho pena! Queria ficar, com elle, mas tambem, para que me servia isso? Primeiro que tudo precisamos de dinheiro, aliás não se pode fazer coisa alguma. Portanto escuta Bumpo. Este annel que aqui vês tem um grande valor, pelo menos umas duzentas libras, parece-me. Tem pois todo o cuidado com elle. Conheço um ourives na Tennysou Street, a oeste. Vaes pela Wightsquare sempre a direito e vaes dar á Avenida Pitt, ao fim é a Sennysou Street. O ourives chama-se Paterson. E's capaz de ficar com isto na cabeça?

O negro repetiu como uma creança:

—Ourives, Patterson, Tennysou Street, Wightsquare, Avenida Pitt!

—Bello replicou o amo. O ourives ha de te dizer quanto dá pelo annel, mas por menos de cem libras não o largues. Se não as quizer tu então torna-lo a trazer. Está comprehendido, Bumpo?

—*Allright* meu amo! Bumpo vae já fazer o que o sr. deseja, e não tenha cuidado com coisa nenhuma.

O mancebo que se increvera no livro do hotel como Mr. Stevens, Engenheiro em Durban, na Africa do Sul, entregou ao Zulu o annel embrulhado n'um papel. Bumpo entretanto vestira um casaco azul com botões brancos e puzera sobre a carapinha lanosa um bonnet azul de automobilista. Metteu o embrulinho no bolso das calças e certificou-se depois de que o annel estava lá.

Para não se esquecer hia murmurando. Patterson Tennyson Streeiret, Vightsquara, Pitt Avenue!» depois desappareceu.

O moço engenheiro porem dirigiu se desassocegado para o modesto quarto do hotel e suspirou profundamente ao mesmo tempo que dizia com uma expressão dolorosa:

Não me sae do pensamento o meu velho lar... E que volta á patria! Tão differente do que eu julguei!...

* * *

—Mas, é um milagre quasi tinha perdido as esperanças de o tornar a ver! dizia o Inspector Gordon apertando com efusão ambas as mãos do Shorlock.

Está hoje muito lisongeador, capitão! replicou o grande policia, rindo. Mas não me tenciono demorar muito por cá. Venho simplesmente para lhe dar parte de um terrivel assassinato que por acaso descobri, e pedir-lhe que tome conta de todas as providencias que julgar neccessarias para os criminosos serem punidos.

—Essa agora! Isso nem é preciso dizer meu caro! Estou prompto para o que fôr preciso.

—Primeiro que tudo precisamos de proceder á autopsia e á verificação das identidades. Em seguida proseguirei energicamente no apuramento das responsabilidades, mas preciso de ser eu só por emquanto quem se encarregue d'isso.

O Inspector da policia acenou affirmativamente.

—Como quizer meu caro Holmes. Tudo o que fizer está bem feito. Mas estou ainda sem saber como foi que na nossa civilisada cidade de Londres se praticou um crime assim como diz ter sido esse!

—Pois bem meu caro Gordon. Dir lhe-hei que Lord Balduino Randolf foi assassinado e roubado no seu solar de Randolf Hill, assim como o seu administrador ou mordomo Saiderson. Até agora porem faltanos todo e qualquer rasto dos criminosos.

O Inspector da policia recuou como se tivesse sido picado por uma tarantula.

—Oh diabo! O conhecido chefe dos Torys no parlamento? E' este? Se não estou em erro, vivia muito solitario, com o administrador Sanderson, lá no solar, por signal que muito longe de Londres, depois de ter arrendado todos os bens que possuia. A não ser uma ou outra vez quasi ninguem o via, e quando durante as sessões do parlamento vinha morar para o palacio que possuia aqui na cidade, recebia muito poucas visitas, e Randolf Hill, esse então estava sempre deserto.

Sherlock Holmes acenou vivamente.

—Vejo que se informou bem a respeito do Lord Randolf. Peço-lhe que deixe ficar sepultado no silencio tudo quanto sabe. Vou já a Rondolf Hill no automovel do assassinado, automovel de que me utilisei já e espero dentro em pouco poder-lhe relatar como foi que tudo se passou.

—Está combinado meu bom amigo, replicou o Inspector muito lisongeado. Irei entretanto preparando tudo para as nossas diligencias.

—Exactamente, disse o grande policia muito contente.

Tinha-se certificado de que o inspector da policia não sabia nem patavina do mysterio do Castello de Randolf Hill, nem tão pouco das dolorosas razões que haviam mostrado o profundo isolamento a que o pobre Lord se voltára. E era exactamente n'isto que lhe parecia estar a chave de tudo.

CAPITULO V

Importantes descobertas em Randolf Hill

Depois de uma corrida vertiginosa em direcção a Randolf Hill o automovel parou defronte do largo aonde a avenida do parque hia dar. Subiu a escadaria e entrou no palacio, emquanto Harry fazia entrar o automovel na *garage* pondo-o porem apto para seguir viagem logo que fosse neccessario.

Entretanto Sherlock seguia pelo vestibulo e dirigia-se pelo corredor fóra: Pelos vastos aposentos do castello deserto resoavam soturnamente os passos. Mas o pensamento de que se hia encontrar no velho castello com dois cadaveres não aterrava o grande policia cujos nervos tinham a tempera do aço. Abandonou o posto de administrador e dirigiu-se para a porta Renascença do salão da Bibliotheca, aonde o desventurado Lord fôra assassinado.

Depois de ter aberto a porta percorreu com os olhos todo o interior do aposento pois que a luz da manhã brilhava já com a sua luz fraca, estava se n'umas das tristes manhãs de outomno e dirigiu o olhar para a secretaria do Lord.

Nada tinha mudado. O dono do Castello jazia ainda na mesma posição mobilisado pela morte, a cabeça pendendo sobre o espaldar da cadeira e sustendo sempre o revolver na mão gelada.

Ao approximar se porem, o policia abriu muito os olhos e involuntariamente levou a mão ao revolver que tinha na algibeira. Olhou em redor, passou por detraz do assassinado, levantou os pesados reposteiros de velludo verde, e olhou cuidadosamente para todos os cantos.

E a razão é que na noite precedente em que alguem tinha disparado do jardim para a janella, notara que a gaveta da elegante e artisticamente entalhada secretaria estava fechada, ao passo que agora estava aberta cerca de um terço.

Um olhar do policia tinha-lhe bastado para verificar aquella circumstancia. A lingueta fora corrida e tanto as gavetas como os outros compartimentos estavam á vista.

Não havia que duvidar: alguem durante a ausencia do policia, tinha entrado no castello e fôra ter ali áquelle aposento.

Quem sabe até se teriam sido os criminosos postos em fuga pela sua chegada e de Harry e que ao verem os dois policias em perseguição dos cielistas, tinham vindo acabar a obra que tinham começado no castello! Tinham assim podido levar a cabo o roubo que a chegada brusca dos policias interrompera, e sem ter ninguem a impedil-os disse, haviam no collocado em logar seguro.

Era tambem muito verosimil que um dos assassinos, sem que os cumplices o pudessem saber houvesse voltado ao palacio roubando por uma conta e risco.

Sherlock Holmes fez um gesto affirmativo. Devia ter sido assim, embora o caso estivesse ainda muito escuro. Poz-se immediatamente a inspeccionar a secretaria. Ao abrir por meio de uma pequena gazua a gaveta superior encontrou tudo n'uma desordem incalculavel. Além de um grande guarda joias, havia lá uma porção de estojos e caixinhas na sua maior parte abertas, e que deviam ter tido dentro joias. Mas todas estavam vazias e pareciam ter sido abertas á prêssa e sem cautella alguma. O grande guarda joias, uma verdadeira obra prima estava egualmente vasio.

O celebre policia hia para fechar o guarda joias quando viu no fundo do mesmo um papelinho que os bandidos na sua pressa em achar oiro e joias tinham deixado passar despercebido.

Collocou o guarda joias sobre a tampa da secretaria e poz-se a ler o papel. Era uma folha de papel dobrada em duas. Depois de lhe ter passado os olhos por cima, Sherlock Holmes deu um grito de alegre surpreza. Na primeira pagina escripta a tinta preta e em grossos caracteres, havia os seguintes dizeres:

Relação das joias pertencentes á Familia Randolf.

Já se vê que aquella lista a qual constava de mais de duzentos numeros, deixava perceber que as joias roubadas do cofre grande e dos outros estojos estavam todas catalogadas n'ella. O valor de cada joia estava indicado tambem e a somma total dos valores montava a dez mil libras, o que seguramente indicava terem sido avaliadas pelo defunto Lord por um preço muito baixo, pois que o seu valor devia ser muito maior, visto constarem de voliosissimos brilhantes, diamantes, solitarios, outras pedras preciosas, e explendidas cravações.

O grande policia guardou a lista, cheio de satisfação. Andando com rapidez e dirigindo-se tanto aos joalheiros como tambem aos penhoristas londrinos, dentro em pouco poder-se-ia descobrir com segurança os criminosos.

Passou tambem revistas ás outras gavetas da secretaria, sem que todavia podesse encontrar mais papeis de importancia. A gaveta mais aberta da secretaria estava quasi intacta. Continha sómente papeis. Um cofresinho que devia ter contido o dinheiro do Lord, estava complectamente vasio. Depois de ter observado todos os documentos que lá encontrou, o grande policia começou a observar o morto.

Naquelle momento ouviu passos no corredor e poz-se á escuta. Fez porem um gesto de quem não tem nada a recear. Nesse momento Harry deixou apparecer o nariz entre portas.

—Eh Harry, meu rapaz! disse o policia sem se voltar. Tenho muita pena, mas tens que marchar immediatamente no automovel. Descobri algumas coisas importantes e é preciso voltar á Scotland Yard.

—*Allright*! replicou Harry pondo-se logo a caminho pelo corredor fóra.

Sherlock Holmes tirou do bolso uma lente e dirigiu-se para o assassinado. Ajoelhou-se e observou com todo o cuidado a ferida que a nuca apresentava.

—Tal qual como tinha presumido!

Levantou-se e observou por meio da lente o orificio da testa. Fez um gesto affirmativo e examinou a ferida do peito. Examinou depois todo o cadaver; poz-se de joelhos em seguida e todo o chão foi inpecionado por meio de lente sem que contudo encontrasse nada de notavel. Voltou porem para o cadaver e tornou-lhe a examinar as feridas. Olhou para a porta. Tudo estava socegado.

Começou então a especionar o chão do lado porem da porta do quarto de dormir de Lord Randolf onde um espesso tapete verde abafava os passos.

—Até que emfim! murmurou Sherlock Holmes.

Sobre o tapete desenhava-se distinctamente a pisadela de uma bota de homem, coisa que com o auxilio da lente se podia ver bem. O pé que alli pousára devia ter sido o direito e o policia pôde ainda distinguir uma nova pisadela embora muito pouco distincta e que era devido a um pé esquerdo. O grande policia mediu a largura e comprimento das pegadas e tomou nota. Bastava olhar para os magnificos sapatos do Lord para se ver logo que as pégádas não tinham sido devidas a elles. Pertenciam a uma bota, isso era indubitavel, pois que a impressão era profunda e alem disso tambem não podiam ter sido feitas pelo Lord visto provirem de um pé bastante grande.

Ao voltar se para outro lado e ao examinar outra vez o tapete deixou escapar um—«oh c'os diabos!»—que expressava bem a sua surpresa. Esperava encontrar alli os mesmos vestigios que no outro lado o tapete offerecia, mas foi exactamente o contrario que lhe sucedeu. A lente mostrava aos olhos do policia, uma pégáda que era devido a um pé grande e—o que é mais—nú. Mas a pégáda era vermelha... era uma pégáda de sangue e notavel pela desmesurada largura da parte dos dedos, sendo tambem notavel o tamanho do dedo grande.

Do mesmo lado onde se notava a pégáda havia uma porta que abria para uma especie de gabinete de trabalho muito bem mobilado e apenas com uma grande camada de poeira a indicar que ha muito tempo não servia. Havia lá um cofre forte, que presentemente estava escancarado e ao policia bastou-lhe lançar um rapido olhar para elle para ver que estava completamente esvasiado.

De repente porem lembrou-se Sherlock Holmes de que na secretaria que estava na bibliotéca, tinha visto um livro de lançamento das quantias existentes num cofre. Correu para a bibliotéca abriu mais uma vez a gaveta da secretaria do morto e tirou para fóra o livro. Depressa achou o que procurava. A ultima entrada de dinheiro, proveniente de rendas de differentes terrenos estava lançada havia dois dias e accusava uma somma de novecentas libras.

Sherlock Holmes tomou nota e collocou de novo o livro no seu logar. Estava provado e bem que aquella somma fôra parar as mãos dos criminosos.

Em seguida prosegiu inspeccionando as pégádas no quarto visinho. Pôde assim ir seguindo o rasto sangrente até ao peitoril da janella onde se podia ainda ver distinctamente. Diante do cofre as pégádas eram quasi emperceptiveis cruzando se com as das botas que o policia tinha notado no quarto de dormir.

O policia tomou aqui tambem a medida ás pégádas e escreveu algumas notas no seu livrinho. Voltou á bibliotéca e tornou a examinar o cadaver. O revolver que o Lord conservava ainda nas mãos enclavinhadas, estava completamente intacto: tinha as seis cargas que comportava. Viu tambem que o Lord não tinha nem o relogio nem o annel. Houve ainda mais particularidades que notou, mas essas a bem dizer pareciam ter pouca importancia.

Nisto chegou Harry, dizendo que o automovel estava á espera.

Dentro em pouco o esplendido Daimber do Lord seguia rapidamente em direcção a Londres.

CAPITULO VI

As surprezas de um bom negocio

Como já dissemos Bumpo, o negro do engenheiro, saira do hotel Monopol e dirigira-se para a Tennyson-street onde conforme lhe dissera o amo, o ourives Patterson tinha o seu estabelecimento. Este estava situado á esquina da rua e não era facil de confundir, pois da Wightsquare onde estava situado o Hotel Monopol ia se dar á Pitt-Avenue, que seguia em linha recta até a Tennyson-street. Além de que, o negro tinha repetido tantas vezes os nomes citados que lhe era quasi impossivel o esquecê-los.

Usando porem de cautela tinha-se porem informado préviamente ao chegar defronte da ourivesaria sobre se, affectivamente aquele estabelecimento era o de Mr. Patterson. Um caminhante a quem elle no seu inglês barbaro tinha perguntado se aquelle é que era o estabelecimento em questão—Bimpo não sabia ler—respondeu-lhe affirmativamente e o negro resolveu-se então a entrar pondo a mão no fecho das portas de vidro da ourivesaria.

A porta abriu-se e o negro achou-se no interior de um magnifico estabelecimento, todo luzente das pedrarias expostas. Levou a mão ao bonnet tirou-o da cabeça encarapinhada e ia para dizer o recado que pelo caminho imensas vezes repetira. Nisto ouviu com grande admiração sua, uma voz que vinha detraz de um mostruario repleto de objectos de ourivesarir e uma cabeça completamente calva appareceu, ao mesmo tempo que o possuidor d'ella dizia para o negro:

—Olá!... Então és tu meu velho? Vens por causa do annel do teu amo?

—Sim senhor!... replicou Bimpo, um tanto atrapalhado pela sabedoria do branco, o qual já sabia o que é que elle vinha fazer ainda antes de elle l'ho ter dito.

—Pois bem—continuou o sr. Patterson, porque era elle em pessoa—dize a teu amo, meu rapaz, que me resolvi depois de madura reflecção, a dar cem li_

bras pelo annel mas nem mais um real. Ficas satisfeito, ou teu amo disse-te que pedisses mais?

Bimpo recordou-se de que o seu senhor lhe indicára aquella quantia como a minima que devia acceitar e disse, sentindo se pequeno deante de uma tal inteligencia, como o branco mostrava:

—Sim sinhô.

—Muito bem meu rapaz, então está combinado.

O dono da casa dirigiu-se sorrindo para o fundo do armazem onde estava o cofre forte, tirou de lá varias moedas e contou deante do negro, com grande alegria deste, 100 libras novinhas em folha, as quaes collocou sobre o balcão.

—Mette lá isso no bolso!

Bumpo fez o que lhe diziam e com uma rapidez bastante notavel. O ourives deu-lhe ainda um papal dizendo:

—Guardae isto tambem e não percas esse dinheirinho, rapaz!

Bumpo certificou-se de que o dinheiro estava bem guardado e fez desapparecer o recibo no bolso esquerdo das calças. Quiz então tirar o annel mas estava tão atrapalhado e cheio de admiração que não atinava com elle.

—Muito bem meu rapaz. E se o teu patrão tiver um outro annel semelhante.

—Sim senhor! replicou o negro que não percebia o que o joalheiro queria dizer. Tinha a impressão de que aquelle homem tão inteligente estava a mangar com elle.

—Mas elle tem um annel, tem sim senhor! dizia o preto como se quizesse responder ao gracejo.

E tirou para fóra do bolso o annel embrulhado no papel, desdobrando este, mostrando-o em seguida ao joalheiro.

Os olhos de Mr. Patterson brilharam de alegria. Viu logo o negocio que podia fazer com ambas as joias, sendo como eram de um preço incalculavel com magnificos solitarios de um tamanho desusado e da mais pura agua.

—C'os diabos! Dois anneis eguais!... Dois eguais! Mas... magnifico! .. Compro este tambem e pago o tambem pelo mesmo preço! Está combinado, hein!

O bom negro começou a socegar um pouco. Parecia não comprehender lá muito bem o que lhe diziam. Mas pensava lá para consigo que o seu senhor já sabia de tudo, pois que elle proprio lh'o dissera. Sentia-se por isso mais á vontade e satisfeito por levar tanto dinheiro, e o que era notavel, mais dinheiro do que o ame lhe dissera.

—Pois então está dito, senhor ourives! Meu amo precisa de dinheiro. Isto é uma joia de familia, e o meu amo custa-lhe muito a desfazer se d'ellas. Mas está combinado, prompto!

—Muito bem! replicou Patterson rindo da algaraviada de preto. Isso de joias de familia não me importa nada e não quero cá saber d'isso. O que quero é comprar o annel!

E dizendo isto voltou ao cofre e tornou a tirar para fóra mais cem libras, que entregou a Bumpo que tratou de as metter na algibeira.

Em seguida o negro agradeceu a Mr. Patterson e dirigindo-se muito contente e satisfeito para a porta, dispondo se a ir levar ao seu senhor a alegre noticia de que conseguira duas vezes a quantia pedida.

Mr. Patterson estava ainda duvidoso sobre a sorte que tivera. Olhava para ambos os anneis, examinando-o com uma lupa e o seu espanto crescia cada vez mais á vista do magnifico trabalho Renascença das joias e do brilho extraordinario dos diamantes.

—Tanto por causa da inclinação que hoje em dia ha pelo trabalho de estilo Renascença como tambem pelo tamanho e lapidado dos diamantes não me será difficil achar quem m'os compre!...

Assim monologava consigo o joalheiro patenteando a sua alegria pela compra que fizera Não se podia separar dos dois anneis; pegava n'elles, virava os, revirava os e brincava com elles como uma criança. Esteve assim cerca de uma boa meia hora, antes que os largasse. Mas tinha tambem as suas rasões para isso e não queria tambem expôl-os na vitrine sem mais nem menos. Procurou entre os estojos que possuia um em couro e que lhe parecia ser o melhor, e em seguida foi-o guardar n'uma gaveta do balcão onde costumava pôr todas as preciosidades que possuia.

Em seguida dispunha-se a ir ver a gaveta quando o tenir agudo da campainha o advertiu de que alguem entrava no estabelecimento.

Os olhos abriram se-lhe desmesuradamente, esbogalharam-se-lhe de espanto pois que via entrar outra vez no estabelecimento o negro com quem havia coisa de meia hora fizera um explendido negocio.

E negro trazia sobre o cabelo encarapinhado um bonnet azul e uma jaqueta e calças da mesma côr: era athletico, fortissimo. Tirou o bonnet com toda a delicadeza e com um sorriso que lhe entreabriu os grossos labios deixando ver os grandes e brancos dentes, perguntou:

—Então senhor ourives, está resolvido? Quanto me quer dar por o explendido annel que luz como uma estrella?

O sr. Patterson estava a bem dizer estarrecido deante de um tal descaramento. Naturalmente o negro não tinha resistido a apoderar-se de uma tão consideravel somma e tinha feito as suas libações em honra de Baccho. Estava bebedo. E o ourives respondeu-lhe irado:

—Que estás tu p'ra ahi a dizer estupor de preto! Imaginas que perdi o juizo para tu me perguntares quanto pago pelo annel? Pois não te paguei já tudo, tudo? Não te dei dois recibos que tu guardaste nas algibeiras d'essas porquissimas calças? Pois então toma cautela, e tira-me da vista essa focinheira de macaco! Com que então querias ficar com o dinheiro dos anneis hein. Roubaste-los, vieste cá para os vender receber o dinheiro e depois toca a pedir segundo dinheiro! Põe te-me já da vista p'ra fóra pretalhaz de uma figa! Tens que comer ainda muito pão se me quizeres intrujar! Ora não ha!...

O zulu ao ouvir estas palavras tinha-se encolhido como um animal que vê que vae apanhar chicotadas. Um clarão de patifaria brilhou nos seus olhos e foi incidir sobre o joalheiro.

—Que está a dizer sió? Não estarei eu enganado? Não me quer pagar e não me dá outra vez o annel do meu amo? O pobre preto não pode acreditar isso...

—Pois tu ainda ahi estás grande borrachão? Queres que vá chamar a policia para te quebrar os dentes, preto d'uma figa? Põe-te d'aqui p'ra fóra ou então comigo é que tens que te haver!

—Então sempre é verdade? Mas o senhor branco não me quer pagar? Então não é uma vergonha para um branco tão rico o enganar e mentir a um pobre negro que precisa de levar ao amo o dinheiro do que elle mandou vender?

O sr. Patterson estava tão irado que parecia doido. Com um movimento da mão apontou a parta ao negro dizendo:

—Fóra já d'aqui seu estafermo! fóra já d'aqui ou vou chamar a policia!

O negro aproximou-se surrateiramente do joalheiro.

—Pela ultima vez senhor! Peço-lhe que ou me pague já ou me torne a dar o meu annel!

—Os teus anneis! — disse o joalheiro furioso — São meus, muito meus! paguei-os e por bom preço! Arrependido estou eu já de não ter regateado!

Os olhos do preto n'aquelle momento estavam completamente raiados de sangue, mais parecendo os de uma féra.

Deu um salto de tigre por cima do balcão e agarrou pela garganta com os seus compridos e negros dedos o pobre Patterson que estrebuchou e quiz gritar por soccorro. Mas faltavam-lhe tanto o ar como a voz, pois que a sua garganta estava apertada como n'um torno entre as mãos do assassino; os olhos rolavam-lhe nas orbitas.

Por umas poucas de vezes o furioso negro deixou cair sobre o calvo craneo do velhote o punho herculeo.

—Grande malandro de branco, dizer que pobre preto estar bebedo! Querer enganar o pobre negro! sibilou elle por entre os dentes cerrados!

Por fim o joalheiro caiu por terra inanimado, e o negro depois de ter dado livre curso á sua raiva, lançou em redor de si um olhar cheio de malicia e cupidez e os olhos faiscaram-lhe de alegria ao vêr a chave no cofre. Deu um pulo para este, olhou em redor de si ironicamente, abriu-o e mergulhando as mãos n'um grande e faiscante montão de oiro foi enchendo os bolsos até que elles não poderam levar mais.

Abriu e balcão, dirigiu-se para a porta e quando a campainha da porta que annunciava a saida ou entrada de alguem, tocou, já o negro desapparecera com o roubo.

CAPITULO VII

Um joalheiro roubado

Sherlock Holmes dirigira-se á Scotland Yard para communicar ao inspector algumas das suas investigações, e apressar as diligencias policiaes.

Quando estava no gabinete do director e combinava com o chefe da policia as medidas mais urgentes, a campainha começou a tocar com violencia e o director pegou no ouscultador. E Sherlock poude observar que o rosto d'elle se tornava pallido e espantado.

—Esteja v. ex.ª descansada minha senhora! respondeu. Lá estaremos, dentro de poucos minutos.

Tornou a collocar o ouscultador no apparelho da mesa e voltou-se para o grande policia.

—Isto é demasiado! Communicou-me a esposa do ourives Patterson que o marido foi encontrado caido por terra no estabelecimento. Tinham n'o querido assasinar depois de o roubarem, isto á luz do dia. Pede a nossa presença e diz que o marido já vae recobrando os sentidos.

Deu as ordens necessarias. D'ali a pouco, o automovel seguia pelas ruas fóra em direcção á Tennyson-street guiado pela mão experimentada de Harry. Sherlock Holmes ia tambem.

Chegaram. O joalheiro estava estendido sobre um sophá. Mas estava quasi restabelecido: escapára ás mãos assassinas do negro, porque tinham ido dar com elle estendido por terra na loja e tinham-no soccorrido a tempo.

—Então como está sr. Patterson? Vae melhorsinho? perguntava o inspector muito interessado. Está em estado de nos poder dar as noticias necessarias sobre o acontecido?

—Parece-me que sim, sr. inspector. Agradeço-lhe muito a sua rapida comparencia. Mas não tenho muito que dizer, continuou com voz fraca. Fui quasi que estrangulado por um negro que me roubou a importancia de quinhentas libras. Este negro tinha-me trazido cá, do mando do patrão d'elle, dois anneis que paguei com toda a generosidade. Mas, coisa de meia hora depois, voltou e exigiu que lhe pagasse outra vez os anneis. Como eu recusasse, atirou-se a mim e maltratou me por tal modo que perdi os sentidos. Sómente a dedicação de minha mulher que me ia chamar para jantar, é que me conseguiu restituir a vida.

— O negro tornou a levar os dois anneis, sr. Patterson?

—Felizmente que não! Eu tinha-os guardado bem! Mas pelo menos levou-me aquelle cão a quantia de quinhentas libras que roubou do cofre aberto.

—Podia-me deixar ver o annel? perguntou o policia.

—Com o maior prazer, meu caro senhor, se julga que isso póde servir para o auxiliar na descoberta do assassino, replicou o joalheiro. Annie, disse voltando se para a esposa, dá a este senhor o estojo que te confiei com medo que o negro voltasse cá para o roubar.

—Ali!... ali está elle!... gritou. Acudam-me! Lá está o preto.... Vem para me acabar de matar! Não o veem? Ali... ali... está atraz de si, senhor...

Ia a entrar um negro vestido de azul e com botões brancos, um negro com tanta timidez mas rindo despreoccupadamente, com o bonnet egual, na mão.

O aterrado joalheiro tinha conseguido pôr-se em pé. Mas estava ainda muito fraco para se sustentar sem apoio de ninguem. Olhou desesperado para os policias que entretanto se tinham collocado ao pé do negro.

—E' elle meus senhores! é o que me roubou! gritava o joalheiro com voz estridente Vendeu me os anneis, dei-lhe o dinheiro, e o patife teve a pouca vergonha de me exigir que lh'os pagasse outra vez.

O negro a quem o joalheiro assim tão gravemente

inculpava, não tinha comtudo uma attitude perigosa, e parecia manso como um cordeiro. Por menos Sherlock Holmes assim o julgou.

Olhou interrogativamente para o aterrado ourives e em seguida apontou para si.

—O senhor refere-se a mim? ao pobre Bumpo? Não tenha medo senhar!... não tenha medo! Bumpo traz um recado do seu senhor, um recado muito alegre! Manda-me aqui para dizer que o senhor pagou muito bem, muito bem por um annel, mas só vendeu um. Era só um annel que eu trouxe!...

—Ouvem? ouvem o que este patife está dizendo meus senhores? gritou o ourives fóra de si. Vejam que grande malandro, que grande malandro! A dizer que é só um annel! Mas aqui está um ou dois, patife? Não são eguaes como dois gemeos?

E dizendo isto pegára no estojo e abrira-o.

—Nunca tinhas visto isto, patife?

Ao ver os anneis Sherlock Holmes deixou escapar um grito de admiração. Tirou do bolso do casaco um papel, abriu-o e leu ao mesmo que examinava os anneis.

Tenho nas mãos a relação das joias de Randolf e a descripção de um annel condizia perfeitamente com o aspecto do annel que estava no estojo.

—Sr. inspector, peço-lhe que prenda este negro, não só por causa da tentativa de assassinato na pessoa de Patterson como por outras razões que depois direi.

—Pois não, sr. Holmes! E' para já! Já era minha tenção não o deixar ir embora sem mais nem menos. Harris, disse voltando-se para um dos guardas, amarre-me esse negro e tu Bumpo ou lá como diabo te chamas, vê se te deixas de resistencia que é o melhor que tens a fazur.

Harris agarrou o negro e apesar de este se defender desesperadamente, conseguiu amarrar lhe as mãos com uma corda que lhe trouxeram.

Bumpo estava como louco. Pedia chorando que o largassem, que lhe desamarrassem as mãos porque o seu senhor estava doente e precisava d'elle.

—Não é verdade o que o senhor ourives diz! Bumpo vinha de casa do seu senhor. O seu senhor não quer todo o dinheiro porque é muito por um annel só. Tenho aqui cem libras na algibeira porque o meu senhor julga que o sr. Patterson se enganou Meu senhor teve sempre um annel só e não dois. O sr. ourives é que é mentiroso e mau!...

—E quem é o teu amo, Bumpo? perguntou o grande policia.

—E' o sr. Stevens, engenheiro da Africa; é no Hotel Monopol!...

Sherlock Holmes trocou algumas palavras com o inspector da policia e apertou-lhe a mão. Em seguida disse ao ouvido do joalheiro algumas palavras. Este fez um gesto affirmativo e entregou ao policia um annel, tirando-o do estojo. Sherlock Holmes embrulhou o n'um papel e metteu-o em seguida na carteira.

Fez um signal aos agentes de Scotland Yard, saudou o ourives e saiu. Subiu para o automovel e este guiado mais uma vez por Taxon poz-se em movimento pela Pitt Avenue em direcção ao Hotel Monopol.

*
* *

Ao chegar ao Hotel o grande policia perguntou por o engenheiro Stevens, sendo-lhe dito pelo porteiro que o dito senhor occupava o quarto n.º 25 no primeiro andar.

Sherlock Holmes bateu e ao «entre!» que lhe pareceu ouvir, penetrou no aposento.

—E' com o sr. engenheiro Stevens que tenho a honra de fallar? perguntou o policia com uma cortezia um tanto ironica.

—Sim senhor, para o servir. A que devo a honra da sua visita? perguntou cumprimentando fria mas pollidamente o visitante.

—Peço muita desculpa se o incommodo... continuou Sherlock Holmes em tom de mofa, Mas venho aqui com um recado do ourives Patterson. Perguntar-lhe-hei pois se este annel lhe pertence.

E o grande policia tirando o embrulho do annel para fóra da carteira e desembrulhando-o mostrou-o ao engenheiro.

—Dê-me licença.

O sr. Stevens tinha com certeza reconhecido o annel, mas naturalmente era-lhe muito pouco agradavel, ter de confessar a um terceiro a precisão de dinheiro em que se encontrava. Em todo o caso ia para responder affirmativamente. Mas de subito o seu rosto patenteou o mais completo espanto e os olhos pareceram delatar-se lhe ao contemplar o annel que faiscava.

—Não meu caro senhor! O meu não é este.

—Como? perguntou Sherlock Holmes, duvidando do que ouvia. Perdão; queira ter a bondade de ver bem... Tem a certeza de que não é o seu?

—Tenho toda a certeza.

—Pois então acho o caso muito extraordinario! replicou Sherlock admirado. Um negro que em frente do sr. Patterson o indicou ao senhor como sendo o amo; que deu a morada de v. ex.ª, que disse que este annel e um outro egual...

—Será possivel? Um outro annel egual? Dois anneis, diz o senhor?

—E' verdade! dois. Vendeu ao joalheiro Patterson dois anneis que elle lhe pagou em dinheiro contado.

—Ah agora percebo! Está tudo já claro...

Sherlock Holmes encolheu os hombros.

—Se acha tudo muito claro, pela minha parte devo dizer-lhe que acho tudo muito escuro... Mas proseguindo. O negro com um descaramento espantoso voltou lá, e sustentou que nenhum dinheiro havia recebido. Como o dono do estabelecimento lhe respondesse á lettra, o negro derrubou-o, quasi que o estrangulou; em seguida dirigiu-se para o cofre roubando o que lá encontrou. Como depois tivesse lá voltado e não explicasse o motivo da sua nova visita foi preso pela gente da Scotland Yard. Ora o preto sustenta que é seu creado e que procedeu por ordem do seu senhor...

—Isso não é verdade! exclamou o sr. Stevens irritado. Mandei-o lá com um annel semelhante a este, mas não este. E pelo que respeita a dois anneis, isso tambem não é verdade. Só tinha um. E é impossivel que o meu creado seja o criminoso de que me falla.

Sherlock Holmes mostrou lhe outra vez o annel.

—Com que então este annel não é o seu?

—Não senhor! já lhe disse que não.

—Muito bem; então como é que explica o senhor que n'uma relação das joias do assassinado Lord Randolf...

—O que é que o senhor diz?... do assassinado Lord Randolf... Como... Oh meu Deus! não é possivel... Lord Randolf? de Randolf Hill?

O rosto adquirira a pallidez de um cadaver e apoiava-se pesadamente ao hombro do policia.

—Mas senhor... ainda não está morto, não é verdade?... não está morto... Oh meu Deus, meu Deus! ..

O policia levou o mancebo para uma poltrona. Mr. Stevens deixou-se cair pesadamente.

—Infelizmente está morto sim!... O administrador um tal sr. Sanderson, e o lord, foram assassinados, e tanto as joias da familia, como o dinheiro, tudo desappareceu.

Stevens apertou a cabeça nas mãos.

—Meu Deus! meu Deus! como é duro o meu castigo. E eu que o podia ter evitado!...

Sherlock Holmes cruzára os braços e observava o mancebo que parecia mergulhado na maior dor. Por acaso, pensava Sherlock, a consciencia começaria já a atormentar o criminoso?

—O que é notavel, proseguiu Sherlock, é que os olhos dos ladrões passaram por cima de uma relação de joias da familia Randolf e não lhe ligaram importancia. Entre as joias estava tambem este annel de brilhantes e descripto em letras bem visiveis e claras pelo proprio punho de Lord. E o senhor continua a affirmar que nunca possuiu este annel e que o não mandou vender pelo seu negro?

—Não, e não! já disse que não, senhor! E agora peço-lhe, supplico lhe que me deixe, que se vá embora!... Ah meu Deus! nem posso acreditar no que ouvi! E' lá possivel!... Morto!... Mas não se engana? morto realmente?...

—Sim senhor, infelizmente! morto com dois tiros de revolver.

—Dois tiros!... mas como... e quando? Como foi isso então, senhor?... Peço-lhe .. tenha dó da minha dôr! Diga-me ..

—Foi em Randolf Hill, no castello do Lord, ahi por volta da meia noite.

—E' horroroso! Então foram esses os tiros... Ah não posso perdoar a mim mesmo... Desgraçado Lord Randolf! assim tinha de morrer sósinho e abandonado!... Mas quero ir lá! Eu proprio quero lá ir...

—A Randolf Hill?... perguntou o policia. Bellissimo! Os seus desejos vão lhe ser satisfeitos. Eu proprio tinha tenção de lá ir... Encontrará lá tambem o seu negro, o que fez a tal proeza no estabelecimento do joalheiro.

—O meu negro não, senhor! replicou o engenheiro vivamente. Bumpo nunca teria feito semelhante coisa. E' um pobre moço, um excellente e prestavel rapaz...

—Está em harmonia com o proverbio—«Tal amo tal creado...

O mancebo olhou com dureza para o grande policia. Mas depois encolheu os hombros com altivez dizendo:

—Já devia esperar isso! Mas peço-lhe por quem é que não percamos tempo. Preciso de vêr o desventurado que tão abandonado tinha de morrer!...

O rosto sombreou-se-lhe ao dizer estas palavras, ao mesmo tempo que abanava a cabeça.

—Vejo que lhe custou muito a receber esta noticia, embora eu não possa comprehender porque rasão é que se commove tanto .. disse o policia apparentando indifferença. Não quer alliviar o seu espirito, o seu coração, dizendo-me a causa d'isso?

O engenheiro replicou vivamente.

—Não posso senhor! Tenho que desabafar comigo, comigo só. Não me bastava já o que tenho passado, e recebo agora mais esta horrorosa noticia! Nunca mais terei um momento de alegria! Nunca mais. Quantas desgraças por causa d'uma precipitação, por causa de um momento de irreflexão!

Sherlock Holmes olhou o mancebo com um olhar penetrante. O que ouvira era quasi uma confissão. Podel-o-hia prender já se quizesse e com toda a justiça, pensava lá para comsigo. Mas por outro lado a dôr do mancebo parecia tão profunda, tão nobre!... O celebre policia, pesava-se de ser um experimentado conhecedor da alma humana, e não obstante não sabia o que pensar. Resolveu se por fim a não prender ainda o supposto criminoso, preparando-se para o observar pelo caminho. Escapar é que elle lhe não escapava já! No castello, pôl-o-hia frente a frente com o negro e o espectaculo do Lord, tão barbaramente assassinado, seria o sufficiente para, no caso de ser verdade o que julgava, obrigar o assassino a confessar tudo. Em todo o caso, Sherlock sentia se inclinado a duvidar das suas supposições, devido talvez ao seu amor pela humanidade á fé que na mesma depositava. Custava-lhe, que diabo, a acreditar que aquelle mancebo, livido é certo, mas tão distincto e nobre, de rosto tão franco e onde parecia espelhar-se a sinceridade fosse aquillo que as circumstancias indicavam.

—Vamos, pois, a Randolf Hill! disse muito sério. Vae vêr o Lord na mesma posição em que as mãos assassinas, e quem sabe! talvez sedentas de vingança, o deixaram ficar!...

O mancebo levantou-se e estremeceu como se sentisse percorrer-lhe a pelle; um calafrio lhes dominou a sua fraqueza, estendeu a mão direita ao mesmo tempo que um sombrio clarão relampejava nos seus olhos.

—Assim Deus me salve em como nunca mais descançarei até que os cobardes assassinos d'esse pobre homem sejam encontrados e soffram todo o rigor da lei!

Desceram todos as escadas do hotel e subiram para o magnifico automovel que com grande rapidez se dirigiu para Randolf Hill. O engenheiro ia mergulhado em profundas reflexões assim como Sherlock.

CAPITULO VIII

Um funccionario pouco habil

Sherlock Holmes fez um signal ao discipulo, desceu acompanhado pelo engenheiro e penetrou no Castello.

Notou porem que o engenheiro tremia e que mui-

tissimo commovido, de vez em quando levava o lenço aos olhos e enxugava tambem a fronte.

—Aonde? perguntou com voz tremula, aonde está o cadaver?

—Na bibliotheca, onde o crime foi praticado. Encontrará tudo ainda como os criminosos o deixaram.

—Meu Deus! quem me diria a mim quando parti de Durban que me aconteceria uma coisa d'estas na minha querida Inglaterra! Como tudo mudou!

Quando abriu a porta da bibliotheca deu um grito de terror e precipitou se por ali dentro.

—E' verdade! é verdade! que horror meu Deus, que horror! Como é que eu posso vêr semelhante espectaculo, meu Deus!...

E com uma exclamação que Sherlock não conseguiu perceber, o engenheiro caiu de joelhos ao pé do cadaver. Apertou contra o rosto a mão fria e inerte do morto, mão que conservava sempre o revolver, e desatou a soluçar commovedoramente.

Sherlock Holmes encolheu os hombros e dirigiu-se ao engenheiro que tinha o rosto inundado de lagrimas.

—Não acha melhor, dizer-me tudo? perguntou. Não quer alliviar o peso que lhe opprime a sua alma? Ora diga-me: hontem á meia noite não esteve aqui?

—Estive sim senhor, estive! Não posso comprehender como é que o senhor soube isso, mas é verdade, estive. Para que mentir? E' exactamente por isso que a minha dôr é maior!

E voltando-se para Sherlock.

—Mas deixe-me, deixe me só! deixe-me com o meu querido morto! Tudo se deve e ha de apurar para que, se Deus quizer, este crime não fique impune!

Sherlock Holmes, sentia-se cada vez mais fortificado nas suas suspeitas. O mancebo confessara que effectivamente estivera ali no castello e déra até esse facto como a rasão do seu desespero... Que mais era preciso?

Mas de novo reflectiu. Não sabia como harmonisar o procedimento do mancebo, a sua dôr sincera, commovedora, com as duras suspeitas que quasi deram a certeza de ter sido elle o assasino.

De modo que, para se afastar, aproveitou de boa vontade a occasião que Harry lhe proporcionou ao chamal-o ao quarto visinho. O mancebo não podia abandonar o aposento sem que o policia o podesse ver, quer do quarto onde estava quer do corredor e tanto aqui como no aposento para onde Sherlock se dirigiu havia gente de Scotland Yard.

Harry annunciou ao mestre a chegada da commissão da antopsia, do Coroner, do inspector da policia e varios guardas de Scotland Yard.

Contou-lhe tambem que pelo caminho o negro conseguira fugir. Tinham-n'o porém encontrado n'uma rua transversal onde se julgava em segurança e depois de lhe applicarem uma boa sova de marmeleiro pela fuga, tinham-n'o amarrado de maneira a não poder fugir.

Sherlock Holmes mandou que o trouxessem para ali sem demora para o pôr frente a frente com o engenheiro. Emquanto os agentes corriam a escutar as suas ordens, o policia entrou na bibliotheca e disse ao mancebo que o creado negro tinha chegado.

Stevens estava um pouco mais socegado. Voltou-se para o policia dizendo:

—E' muito agradavel eu saber isso. Ha que tempo estou á espera d'elle! Em todo o caso acho estranho que elle viesse cá ter!...

Um dos guardas appareceu trazendo o negro, um zulú de estatura athletica e que venha solidamente amarrado.

O engenheiro olhando espantado para o negro disse:

—Mas este não é o meu creado! C'os demonios! Onde é que eu vi já este negro?

O negro porem ao ouvir aquella voz, olhara para o engenheiro e abrira os olhos n'uma expressão de indizivel terror. Não ha em todo o mundo raça mais supersticiosa do que a negra.

Com um movimento desesperado tinha quebrado as cordas com que lhe haviam ligado os braços, apertára nas mãos a cabeça encarapinhada e fugira pelo meio dos agentes, sem que estes attonitos pelo inesperado da scena tivessem podido lançar lhe a mão.

—Uma alma do outro mundo! uma alma do outro mundo! gritava elle completamente fóra de si. O branco aasassinado em Durban! Uma alma do outro mundo! uma alma penada!

E levado pelo terror que o dominava foi bater com o massiço craneo contra o rotundo Coroner o qual deu um salto involuntario indo cair de pernas para o ar.

A surpreza causada pelo facto, foi tamanha que ninguem pensou em deter o fugitivo quando elle se precipitou pela porta fóra. Os unicos que não tinham perdido a placidez de espirito eram Sherlock e Harry. Mas quando este quiz correr atraz do negro e conseguiu romper por entre o grupo que punha outra vez em pé o derrucado Coroner, era já muito tarde. Puderam vêr ainda o negro desapparecer com a rapidez d'uma setta pelo parque fóra.

O avanço do negro era bastante consideravel embora ainda fosse possivel o alcançal-o.

Harry Taxon consultou o mestre com o olhar. Como Sherlock fizesse um gesto affirmativo poz-se em perseguição do fugitivo.

O engenheiro entretanto cruzára os braços e caminhava de cabeça baixa pela bibliotheca. Brilhava-lhe ainda uma lagrima nas pestanas compridas e escuras, quando comprimentou os juizes e mais membros da justiça que vinham levantar o auto do corpo de delicto. Mas os olhos abriram-se-lhe desmesuradamente quando o inspector se encaminhou para Sherlock Holmes dizendo:

—Louvado seja Deus, sr. Holmes! ainda aqui o encontro! Que me diz a isto? O maldito negro lá fugiu outra vez!

Sherlock apertou a mão que o inspector lhe offerecia e disse ironicamente:

—Veremos, veremos, disse o inspector!

—Que quer dizer com isso meu caro? Bem viu como elle derrubou o nosso estimadissimo coroner!...

—Sim, lá isso não contesto! disse o grande policia. Não contesto que se tenha despedido um tanto ou quanto bruscamente. Que elle tenha fugido é que me parece duvidoso!

O inspector encolheu os hombros.

Deixemos isso. Descobriu alguma coisa de importancia? Póde ficar certo que o patife nos fugiu pelo caminho e que o tornamos a apanhar...

—Porém, meu caro inspector, o senhor póde-se ter enganado como succede a muito boa gente!...

—Não comprehendo, resmungou o inspector. O senhor quer negar o que eu vi com os meus proprios olhos?

—Não quero negar coisissima nenhuma replicou o policia muito socegado. Mas o que me diz não é tão seguro como lhe póde parecer.

O inspector abanou a cabeça.

—Hoje está muito enigmatico, meu caro Holmes. Mas o coroner parece já ter acabado as suas investigações. Vamos a ouvir.

Effectivamente o sr. Paynes tinha acabado os seus trabalhos e depois de se ter certificado de que todos os olhos estavam pregados n'elle, tossio com estrondo e começou num tom unctuoso, o que se segue:

—A nobilissima commissão depois d'um exame aturado e depois de examinados todos os pontos que poderiam fornecer luz a este triste acontecimento chegou ás seguintes conclusões: Lord Randolf foi desgraçadamente attingido por dois tiros, um dos quaes o feriu no peito, indo o segundo perfurar-lhe o frontal e saindo pela nuca, sendo tanto um como outro sufficiente para o matar O motivo d'esta morte é que não é possivel apural-o, inclinando-nos nós a que fosse antes um suicidio como parece deprehender-se do revolver que o msrto conserva ainda agarrado.

—Sr. Paynes, replicou o inspector um tanto irritado, sempre lhe direi que o nosso grande policia Sherlock Holmes é de opinião completamente differente da sua.

—Effectivamente, sr. doutor, confirmou o grande policia. Se se quizer dar ao trabalho de verificar, verá que o revolver conserva ainda as cinco balas com que foi carregado. Poderá vêr tambem que a secretaria e o cofre foram arrombados, e que a somma de novecentas libras que no dia do assassinato tinham sido registadas no livro do assassinado foram roubadas, juntamente com todos os brilhantes e joias que lá havia. Não é possivel tratar-se d'um suicidio, pois que lord Randolf foi assassiaado com tres tiros de revolver.

«O caso passou-se como eu vou dizer.

«Um dos criminosos; um dos quaes europeu e um outro africano, sendo este creado do primeiro, aproveitaram-se da escuridão para assassinar Sanderson que ia a sair da «garage». O negro provavelmente estava á espreita no quarto de Sanderson estando uma das portas do quarto aberta. O negro, creatura corpulenta e reforçada, estrangulou o velho e deu lhe uma punhalada. O negro sem dar por isso poz o pé n'uma pôça de sangue. Em seguida saltou pela janella onde deixou ficar uma peugada de sangue. Foi-se reunir ao seu amo e debaixo das janellas da bibliotheca deixaram ambos tambem ficar pegadas. O europeu topou para os hombros do negro e saltou para dentro do quarto de dormir do lord o qual fica como sabe por cima da bibliotheca. Quanto ao negro, voltou ao pavilhão e por ahi poude chegar ao gabinete de trabalho do lord Randolf. Foi assim que ambos os assassinos conseguiram chegar ao quarto do velho lord, que de nada suspeitava.

«O branco abriu sem ruido a porta e deu um tiro em lord Randolf atacando-o pelas costas. A bala penetrou-lhe pela nuca. Ao mesmo tempo o negro approximou se e deu lhe um tiro na fronte.

«Como v. ex.ª póde vêr, o fato da victima está queimado, o que mostra que o negro ou o branco appoiaram a boca do revolver sobre o peito do desgraçado e dispararam. Mas tanto o primeiro como o sagundo tiro já tinham morto lord Randolfo. Então, ambos os criminosos roubaram as joias da secretaria e a somma de novecentas libras proveniente dos rendimentos do lord. O branco mandou em seguida o negro adeante com a rapina para que fosse andando, quando de repente a campainha do portão do parque annunciou novos visitantes. Então o assassino europeu poz-se em logar seguro, o que a escuridão do parque lhe não tornou difficil. Quando viu que os recemchegados tinham descoberto o cadaver do lord não se poude conter de raiva e desespero, e quando estes se mostraram á janella alvejou os com o revolver sem que tivesse obtido outro resultado que não fosse quebrar estas duas vidraças como aqui podem vêr.

«Foi em vão que nós procurámos—pois eramos nós os visitantes—prender os assassinos. Como mais tarde pude verificar o europeu voltou ao logar do crime. Ia apostar em como achou lá qualquer coisa importante. O que teria sido é que eu não sei dizer. E eis aqui tudo o que en pude apurar e que me parece ser a uica reconstituição verosimil.

O coroner estava de bocca aberta.

—E' maravilhaso como v. ex.ª reconstitue o caso, membro por membro! inclino-me perante a sua perspicacia! Mas permitta-me uma pergunta: o que tem que vêr este senhor com aquelle negro de ha boccado que julgou ver n'elle uma alma do outro mundo? Ou achou v. ex.ª uma explicrção para o supersticioso grito do Hercules negro?

O engenheiro pareceu despertar da sua meditação, ao mesmo tempo que o grande policia lhe lançava um olhar cheio de anciedade.

—Sei tanto como v. ex.as meus senhores o que o negro a quem eu não conheço nem me lembro de ter visto queria dizer com com a sua exclamação, quando olhou para mim. Deve ser elle comtudo o cumplice d'uma tentativa de assassinato que foi praticado na minha pessoa e que me fez estar no hospital de Durben durante tres mezes. Estive lá como disse cerca de tres mezes e se não tivesse sido o meu fiel negro negro não terla resistido ao ferimento. Como veem ainda não estou completamente restabelecido.

Sherlock Holmes teve um sorriso malicioso.

—Não sei, sr. Stevens. se a sua affirmação terá força sufficiente para provar que o negro que nos fugiu não era o seu creado. O senhor negou que o annel de brilhantes lhe pertencia...

—E nego o ainda! replicou o engenheiro com energia.

—Mas o senhor disse que o seu creado negro tinha ido ao estabelecimento do sr. Patherson vender um annel egual!

—E' claro! E a razão é que nem uma certa somma se encontra no meu cofre no hotel de Durben e que não chega para pagar as despezas da minha estada no hospital, nem para a viagem, juntamente com todos os meus haveres que aqui tenho n'esta carteira,

nada d'isso, repito, me chegava. Vi-me pois obrigado a desfazer da dita joia e mandei a vender.

O policia encolheu os hombros.

—O caso succedido em Durban esclarece soffrivelmente a sua precisão de dinheiro. Mas é pena que a sua affirmativa seja tão facil de reputar. Pode me dizer o dia era que isso se deu, não é verdade?

—Por que não? Foi a 16 de março, quando eu me dispunha a embarcar no paquete *Princeza Maud*, da linha da Africa do Sul, e tinha já escolhido a bordo dois logares, um para mim e outro para o meu creado. A partida era a 17, ás tres horas. Quando porém o meu creado saiu para ir levar a bagagem ao paquete, saí eu tambem ahi pelas onze horas e fui surprehendido no caes, apunhalaram-me e roubaram-me por completo...

—Muito bem, sr. Stevens. Não ha erro possivel. O paquete devia pois sahir a 17, quer dizer da noite de 16 para 17. O paquete «Princeza Maud...». Queira ter a bondade de esperar um bocadinho.

Sherlock Holmes que vira na ante camara um telephone, dirigiu-se para lá. Reinou um silencio mortal. Os circumstantes olhavam anciosamente uns para os outros.

O engenheiro tinha os braços cruzados e olhava pensativamente o tecto apainelado.

D'ahi a poucos minutos Sherlock Holmes trazia estampados no rosto os signaes indicativos da maior agitação.

O engenheiro olhou para elle interrogadoramente.

—Meus senhores, disse Scherlock Holmes, o attentado de que o sr. Stevens diz ter sido victima em Durban não se póde provar!

O engenheiro olhou para o policia com os olhos esbogolhados de pasmo. De repente, porém, como se comprehendesse tudo, levou as mãos aos olhos e abanou a cabeça.

—Como o capitão do «Princesa Maud» estivesse no escriptorio da Companhia de Navegação Sul-Africana, chamei-o ao telephone e pude saber por elle o que desejava.

«Os logares tomados a bordo deviam ter ficado vagos, desde o momento que o senhor esteve tres mezes no hospital. Mas não aconteceu assim pois que o capitão Bowden recorda-se com muito prazer do amavel viajante engenheiro Stevens e do seu hercules creado preto! O que me diz a isto, sr. Stevens?

Este deixou pender as mãos e abanou perturbado a cabeça.

—Prestou-me um grande serviço sr. Holmes! Mas custa-me a acreditar que a maldade humana seja tamanha!

O grande policia olhou com grande espanto para o engenheiro. Aquelle sangue frio e impassibilidade pareciam-lhe tocarem as raias do descaramento.

—Tem muita razão: em todo o caso não lhe deu resultado o afirmar que o anel vendido pelo seu criado preto não pertencia ás joias roubadas.

—Mas isso posso-o eu provar, replicou Stevens com a decisão Possuo ha doze anos esse annel de familia que comtudo não é o mesmo que o snr. me mostrou.

—Mas o snr. Patterson sustenta que o criado de V. Ex.ª lhe quiz vender dois aneis.

O engenheiro abanou negativa e energicamente a cabeça. O ourives procedeu de boa fé enviando-me o preço de dois aneis. Vi logo que aqui havia um equivoco e enviei immediatamente o meu criado Bumpo com metade da somma que elle me trouxera o criado não voltou.

—Como explica pois o pretendido equivoco?

—Estou na presença do celebre policia Sherlock Homes não é verdade? Pois então oiça. O acaso quiz que ambos os aneis fossem enviados por duas pessoas uma depois da outra para serem vendidos.

Mas o velho Patterson confundiu ambos os criados: pois que aos senhores, aos europeus é-lhes quasi impossivel distinguir dois negros que tem a mesma figura e se apresentam vestidos do mesmo modo.

Sherlock Homes sorriu com incredulidade.

—E' um acaso muito exquisito. não acha? Dois aneis iguaes que são vendidos ao mesmo tempo e no mesmo joalheiro . . .

Mas o snr. está em erro. Não ha propriamente um acaso. A direcção do ourives Patterson estava na minha carteira a qual me roubaram com todo o dinheiro, papeis e ambos os bilhetes do navio.

O policia deu um passo para o engenheiro e fitou-o nos olhos.

—C'os demonios! tudo isso está muito bem. Isso seria uma explicação magnifica se o snr. pudesse provar.

Não haveria então outra duvida, a não ser o facto de seu criado ter ido duas vezes ao ourives. Mas o demonio do anel boleme-me com os nervos!

Pegou na descripção das joias e leu «Um coração sentido por duas mãos com um grande solitario. Ambas as joias são quasi que iguaes, embora a diffiram pela parte de dentro.

—Exctamente. é isso! Queira ter a bondade vêr a superficie interior do coração. Eu ia para dizer «sim» quando o snr. me perguntou no hotel se a joia me pertencia. Mas um olhar que lancei para a parte de dentro do anel mostrou-me que este não era o meu. Ora queira ter a bondade de pegar na sua lente, que o snr. traz comsigo e examinar o anel.

Sherlock Homes assim fez e leu admirado. «Deite alma e coração». Abanou a cabeça.

—Realmente isto está na descripção das joias. Tomei isto com uma marca do joalheiro!

—Não: é um verso cuja continuação está gravada no outro anel que me pertence e que é a seguinte: «E assim vão juntos corpo e affeição».

—Concordo replicou Sherlock Holmes, que em todo o arrojado do sua affirmação alguma coisa ha de verdade que comtudo precisa ser esclarecida, pois que ha nella grandes lacunas, como por exemplo as idas e vindas do seu creado preto. Mas ha ainda um ponto mais importante. O senhor concordou em que tinha estado em Randolf-Hill durante a noite do assassinato, o que dá em resultado um *alibi*.

O senhor precisa de justificar com argumentos de pêso a sua estada n'esse logar.

—Concordo plenamente comsigo snr. Holmes, disse o snr. Paynes. A estada d'este snr. em Radolf-Hill não parece justificada. Portanto peço a detenção d'este individuo que, pelo menos psr emquanto, me parece muitissimo compromettido.

O snr. Stevens metteu os mãos nos bolsos das calças e refletiu por um momento. De subito, porém olhou para Sherloch-Holmes.

—Todos estes esclarecimentos dei-os sómente a V. Ex.ª snr. Holmes, cuja fama chegou até nós, á Africa do Sul, e cujos feitos admiro. De resto não me posso por emquanto defender de uma accusação tão pezada. De pouco me serviria mesmo defender-me ou não.

Talvez que ao taleno de V, Ex.ª seja possivel evitar uma grande catastrophe. Se eu conseguir vencer na lucta que se me apresenta, o que devido a minha fraqueza corporal me parece duvidoso, desfarei todas as suspeitas que ha contra mim.

Sustento, que uma vez desaparecido o meu fiel Bumpo, a minha defesa nenhum valor tem, ainda mesmo que o snr, Holmes me desse razão;

—Sr. Paynes, disse Sherlock Holmes com vivacidade, ouviu o que o sr. Stevens acabou de dizer. Como se trata um pouco de mim e da minha fama, peço lhe que prenda o sr. engenheiro Stevens. Ao mesmo tempo peço-lhes para ter debaixo da minha guarda o mesmo senhor responsabilisando-me eu pelo seu captiveiro e segurança. Se concordam com isto, proponho que o suspeito criminoso seja encerrado n'um dos quartos do andar superior, quarto que eu designarei e onde o sr. Stevens será vigiado por Taxon e por um guarda da Scotland Yard, até que eu consiga encontrar a chave do enigma que, para todos nos representa o crime de Randolf Hill.

Tanto o coroner, como o chefe da policia concordaram com o que Sherlock dizia e até o proprio detido pareceu confiar de boa vontade a sua sorte nas mãos de Holmes.

CAPITULO XI

A lucta dos dois negros

Não muito depois do engenheiro Stevens e de Sherlock Holmes terem deixado o Hotel Monopol dirigindo-se para Randolf Hill no automovel guiado por Harry Taxon, um negro corpulento e alto chegou offegante ao vestibulo do Hetel e deixou-se cahir por momentos n'uma cadeira, para cobrar alento. Via-se bem que estava possuido por uma commoção enorme. Enxugou o suor e respirou profundamente.

O porteiro caminhou para elle e disse-lhe.

—Então Bumpo como estás tu? Estás tão esbafo-rido?! Estás bebendo o ar como um peixe fóra d'agua! Se tens vindo um bocadinho mais cedo tinhas visto o teu patrão ir n'um magnifico automovel com outros dois sujeitos.

O negro escutou com attenção.

—Não sabes se disseram para onde é que iam?

—Não, isso não sei, Bumpo. Mas poude ouvir dizer a um dos sujeitos que guiava o automovel. Three-roads Borough», e toca a andar! Não achas isto notavel? E' proximo da terra onde houve aquelle grande crime...

—Sim é notavel não ha duvida. Talvez ouvisses outros nomes.

—Talvez mas não me lembro. O quê vaes te já embora? Não queres tomar nada?

Bumpo sorriu e abanou a cabeça negativamente. Levantou se, disse adeus ao porteiro e abandonou o Hotel. Naturalmente o porteiro tinha ouvido tudo muito bem mas não queria dizer nada. Bumpo estava porem resolvido a ir até Randolf Hill para ir ter com o seu senhor. Attingiu n'um apice a estação de Three-roads, e sem se deter um momento voltou á esquerda e pôz-se a andar a pé os quatorze kilometros que ainda o separavam do castello do desgraçado lord, caminhada que para o negro nada representava. A estrada corria ao longo da grade do parque do castello e d'ambos os lados elevavam se espessos pinheiraes e numerosas moitas cuja folhagem estava já amarellada pelo outomno

Bumpo ia a correr com toda a rapidez quando de repente parou e escutou.

Então metteu-se por uma das moitas e deixou-se ahi ficar por um momento á escuta. ajoelhado sobre o terreno, á espera de um ataque, completamente socegado. Espiava por entre a moita de arbustos onde se mettera quem seria o caminhante, o qual lhe parecia vir a correr.

Os passos vinham-se approximando.

Finalmente appareceu alguem. Ninguem póde descrever o espanto de Bumpo ao reconhecer no recemchegado um individuo de raça negra.

N'esse momento poz-se de pé n'um salto e quando o caminhante estava a poucos passos, Bumpo deu um passo para fóra das moitas e apontou-lhe o revolver.

—Pára ahi já, e nem um só movimento, aliás falla o revolver! disse elle em lingua zúlú.

O negro que vinha a correr recuou apezar de sua estatura herculea e excancarou a boco com terror e espanto. Mas depressa se reanimou e confiado na sua força corporal, e com um movimento da mão esquerda desviou o revolver de Bumpo de modo que o tiro d'este perdeu se no ar, ao mesmo tempo que se atirava a Bumpo enlaçando-o com os seus braços herculeos. Mas Bumpo fizera da mesma maneira deixando cahir o revolver que lhe parecera inutil. A lucta foi terrivel. Ouvia se o esforço que ambos faziam no combate e a floresta assistiu a uma d'estas luctas que é costume vêr nos circos onde os luctadores exhibem os seus musculos. Ambos os luctadores se equivaliam, e o que o recemvindo tinha a mais em musculatura e força corporal, substituia o Bumpo pela sua agilidade e valentia. A lucta não se decidiu tão depressa como poderia parecer. Bem depressa Bumpo soffreu uma derrota no verdadeiro sentido da palavra. O seu hercules adversario, atirou-o a terra e julgava-se já senhor da victoria. Então Bumpo conseguiu agarral-o de novo, apertou-lhe a garganta, e deu-lhe um murro na testa que deixou o adversario quasi sem sentidos. Estes momentos aproveitou-o Bumpo para, emquanto apertava a garganta do adversario, puxar de uma faca ingleza e cravar-lh'a no peito, donde jorrou uma torrente de sangue, ficando o negro inanimado por alguns momentos e abrindo os muito grandes olhos escuros. Mas o olhor de odio que elle lançou ao ven-

cedor mudou-se depressa n'uma expressão de indigivel terror e disse na sua lingua natal.

—Maldito sejas Bumpo! Venceste-a Maleo! O rosto contrahiu-se-lhe e emquanto Bumpo que agora chorava de dor e lhe procurava debalde estancar, com o lenço o sangue que jorrava da ferida, abanou selvaticamente a cabeça negra e suspirou exanime:

—Adeus irmão; no inferno nos encontraremos.

Em vão Bumpo apertava o lenço sobre a ferida uivando como um lobo.

Um profundo suspiro e Maleo que fôra em tempos o companheiro e amigo inseparavel de Bumpo e a quem este no ardor da lucta não reconhecera, tinha morrido.

Bumpo estava quasi louco de dôr, chorava como uma creança, levando aos olhos as mãos ensanguentadas e exclamando.

—Perdoa me meu irmão! Bumpo não sabia e não te queria matar! Não morras Maleo! Não sejas mau, não castigues d'essa maneira o teu irmão Bumpo! Pãe-te a pé irmão; a tua ferida ha-de sarar!

Mas ao vêr que tudo era baldado atirou se sobre o cadaver e começou a chorar desesperadamente.

Na sua enorme dôr o negro nem notara apezar do apurado dos seus sentidos que não estava só.

Atraz d'elle de revolver engatilhado estava ha alguns minutos Harry Taxon, o qual como nós sabemos, fôra enviado por Sherlock Holmes em perseguição do fugitivo.

Vira Bumpo dar um tiro que se tinha perdido no ar e em seguida presenceou com espanto e uma certa admiração a lucta dos dois negros. De boa vontade teria preso ambos para poder obter d'elles algumas informações.

Mas tudo se esclarecia perante a semelhança dos dois negros que eram quasi eguaes um ao outro. Não era milagre nenhum que o sr. Patterson os tivesse confundido. A morte de um d'elles porem tinha extincto o esperança que Harry alimentava de por elle vir a saber o que queria dizer a sua exclamação, «O morto de Durban.».

Que razões teria elle para ter querido assassinar o engenheiro?

Estas perguntas ficavam infelizmente sem resposta por causa da morte do negro e o crime do castello de Randolf Hill estava cada vez mais indicifravel.

—Suspende Bumpo! gritou Harry.

Agora nada podes fazer. Teu irmão dorme um somno eterno e nada o poderá despertar! Levanta-te! Vem commigo. Levar-te-hei até junto do teu senhor se promettes não fugir!

Bumpo olhou aterrado em roda de si e com os olhos arrazados de lagrimas.

—Sim meu senhor. Bumpo quer vêr o seu amo. E' a unica cousa que lhe resta n'este mundo! Mas primeiramente senhor, deixe-me enterrar aqui nas moitas o meu irmão Maleo para que os meus espiritos se não apoderem d'elle na morte como fizeram em vida!

—Prometo-te Bumpo que o teu amigo terá uma sepultura conveniente onde possa dormir o ultimo somno, disse Harry profundamente commovido pela dôr e religioso sentimento do supersticioso negro.

Por agora porém não me é possivel cumprir o teu desejo. Não podemos subtrahir o seu cadaver ás leis inglezas, meu rapaz. Todo aquelle que é morto ou assassinado no sólo da Inglaterra não pode ser enterrado sem que se averiguem as causas da sua morte. Os juizes estão no castello de Randolf Hill. Socega e ajuda-me a levar o cadaver para lá. Tudo se ha de arranjar.

—Pois bem senhor, murmurou elle muito abatido, seja assim! mas como é differente na Inglaterra a maneira de enterrar os mortos! Na Zululandia não é assim!

—Tens razão! mas vamos lá a vêr se levamos o pobre rapaz.

Ambos se inclinaram pegando um pelos pés e outro pelos hombros do morto. Mas Harry Taxon deteve-se notando o peso extraordinario do cadaver.

—Espera lá Bumpo, disse elle. Vê lá o que é que o teu amigo tem nos bolsos! Apezar da sua corpulencia parecia-me impossivel que elle fosse tão pezado!

Bumpo metteu a mão no bolso do casaco azul do negro e voltou-se para Harry com os olhos esbogalhados, e com uma tal expressão de espanto, que o discipulo do grande policia não se poude impedir de metter tambem a mão nos bolsos do negro. Sentiu lá uma porção de objectos duros e agarrou alguns e ao tirar a mão viu que era moedas d'ouro novas e reluzentes. Procedendo-se a uma investigação summaria viu-se que todos os bolsos de Maleo estavão cheios de libras.

CAPITULO X

Uma noiva á procura de noivo

A missão da justiça estava cumprida. Verificara-se o corpo de delicto. Por incitação do rotundo Coroner, dois guardas da Scotland Yard tinham descido á adega do velho castello. Dirigiram-se todos para a casa de jantar e retemperaram as forças com um bom copo de excellente vinho tinto. Sherlock Holmes porém deixou ficar intacto o seu copo. Cruzara os braços e mergulhara se em profunda reflecção sobre aquelle enigma apparentemente indicifravel.

De repente porém poz-se á escuta e sem dizer uma palavra de adeus precipitou-se pela porta fóra.

O senhor Paynes olhou-o com uma expressão de tristeza que patentiava contudo a maior alegria do mundo.

—Este raio d'este negocio não me parece que possa ser resolvido nem sequer por Sherlock Holmes. Cá a minha opinião é que se praticou aqui um simples assassinato depois que se espalhou aos quatro ventos que o Lord vivia aqui solitario apenas na companhia do velho Sanderson. O grande policia porem acostumou-se a vêr em tudo casos complicadissimos, e não vê quanto perigo ha n'isso. Quer-me parecer que Sherlock Holmes está preparando um sarilho d'alto lá com elle!

—C'os diabos senhor Paynes, parece-me que tem razão, disse o inspector admirado e dando um murro na meza.

Entretanto o grande policia correra para a bibliotheca aonde o Lord assassinado jazia sobre uma ottomana meio coberto por um lençol deixando vêr apenas o rosto

Sherlock Holmes caminhou para a secretaria defronte da qual estava a cadeira onde o Lord fôra assassinado. Com uma gazua especial procurou abrir a grande gaveta do meio, mas esta não estava fechada. O policia dispoz com cuidado á direita e á esquerda os papeis que lá encontrou e sentou-se na cadeira fatal dispondo se a proseguir nas suas investigações. A pesquiza durou muito tempo e parecia não ter fim, até que afinal entre as cartas e livros de contas encontrou um grande subscripto que lhe despertou a curiosidade. O mesmo punho que escreveu o livro que estava no cofre e a relação das joias; escrevera o seguinte no subscripto:

«Ao solicitador Bowden Esq. Londres W. C. 45»
«Albemarlestreet.»

A carta parecia não ter chegado ás mãos do solicitador. Sherlock Holmes tomou na mão o subscripto tirou de dentro uma folha que desdobrou e abafou a custo um grito de alegria.

—Até que emfim encontro alguma coisa, murmurou cheio de contentamento. O conteudo da carta era pequeno. O Lord nomeava n'aquella sua carta o solicitador James Bowden como seu testamenteiro. Ao mesmo tempo reconhecia o seu erro e a sua precipitação em ter expulsado o filho com quem se desejava reconciliar antes de morrer e a quem mandava entregar um duplicado do testamento por ter reconhecido em Mr. Lupton, um engenheiro que estava nas minas do Rand, o filho que ha tanto não via. Nomeava seu herdeiro universal, deixava-lhe o seu titulo de Lord e tudo mais que possuia. A declaração estava assignada pelo proprio punho de Randolf e por duas testemunhas, o administrador Sanderson e o pastor de Threcroad, Mr. Lotherdale. O testamento tinha a data de um de Abril e devia pois ser cumprido dentro de seis mezes. Sherlock Holmes tirou da algibeira a sua lente que já tão bons serviços lhe tinha prestado. Olhou por muito tempo as lettras até que finalmente um sorriso lhe entreabriu os labios.

Deu um suspiro de alivio e guardou na algibeira aquelle significativo documento, e fechou a gaveta depois de ter posto em ordem dentro d'ella todos os documentos.

Ia-se a dirigir para a porta do corredor quando uma loira e joven senhora entrou andando tão depressa que um velho de apparencia distincta que vinha com ella, mal a podia seguir.

—Anda devagarinho filha, dizia elle zangado. Já vais vêr o teu Oliveiros, esse maroto que ha seis anos não dá signal de si, e annuncia a sua chegada a Londres sem talvez saber o terrivel crime que houve.

—Sim, sim papá, replicava a joven e esbelta menina, com os olhos cheios de lagrimas, é isso mesmo que me faz andar depressa. Como elle agora ha-de precisar das nossas consolações. Talvez eu tivesse pensado em recusar o seu pedido de vir aqui depois d'um tão longo silencio se não sentisse profundamente como elle deve estar triste e desolado!

E voltando-se para o grande policia que a escutava com attenção e a quem ella tomou por um empregado da casa, supplicou:

—Oh, diga me senhor, onde está Lord Oliveiros, o pobre filho de Lord Randolf e que acaba de chegar ha pouco da Africa.

Sherlock Holmes que a ouvira com imenso interesse fez estalar os seus finos e compridos dedos, o que como já vimos era novo signal da maxima satisfação. Inclinou-se profundamente dizendo:

—Minha boa menina, o Lord não se encontra aqui. Pelo menos parece me assim. Engana-se muito julgando-o em Londres, pois naturalmente nem partiu ainda sequer da Africa.

—Não, não é possivel! disse o sujeito edoso, distincto e de grandes barbas brancas, aproximando-se.

E apresentou se.

—Lord Walpole, e Evelin Walpole, minha filha. Hoje de manhã recebemos uma carta do Hotel Victoria, aonde elle nos pedia que viessemos ter aqui com elle. E' pois indubitavel que ou já cá está ou que então não póde tardar.

—Sim, meu caro senhor reconheci-lhe logo a letra embora vá já para seis annos que o não vejo... disse Evelin.

O velho tossiu, um tanto commovido.

—Minha filha era á seis annos a noiva de Oliveiros quando se deu aquelle acontecimento que o levou para longas terras. Guardou-lhe sempre o seu amor, e se me dá licença direi mesmo que recusou magnificos casamentos...

Sherlock Holmes inclinou-se cheio de consideração e muito sério.

—Que melhor prova do seu nobre e dignissimo caracter podia v. ex.ª offerecer ao ditoso que a ama? Que prova melhor do que guardar-lhe sempre fiél o seu coração?

A joven córou, enleada.

—Sim é verdade! Tem rasão! E' um nobre moço! Conheço o seu genio: impetuoso é certo, mas possue tambem um bom e sincero coração. Era digno de que alguem o amasse. Pobre rapaz! Decaiu muito no conceito de amigos e parentes quando aquelle triste acontecimento se deu!

O celebre policia olhou commovido para os grandes olhosa zues da bella Miss e os quaes por entre a dor que patenteavam pela sorte do seu joven Lord, diziam ainda a esperança que Miss Walpole possuia de o vêr ainda feliz.

Sherlock poz-se a olhar para o chão.

—Custa-me muito ir perturbar um tanto as suas esperanças, querida menina. Espero comtudo que me encontre em erro, que v. ex.ª encontre ainda o seu noivo como o tinha conhecido outr'ora impetuoso, nobre e fiel. Mas seis annos de vida terrivel, de dura lucta, sobretudo nas nossas selvagens e incultivadas terras da Africa do Sul pódem mudar o caracter de um individuo quando esse caracter não seja talhado de uma só peça, firme e audaz.

Nem mais, disse! — disse o Lord concordando. Hum, hum! Tem cautela, meu amor! Bem ouviste o que este senhor disse. Antes que cases olha o que fazes! Não sejas precipitada, Evelin!...

—Oh papá! Lá começas tu de novo, como quando tudo era contra elle, quando tudo o affligia!... Não

posso tambem apresentar os meus documentos civis e militares, o meu passaporte com o qual andei pela Africa com o nome Lupton, engenheiro, e ainda o meu bilhete de passagem no navio.

Tirou do bolso do casaco uma carteira repleta de papeis que depoz nas mãos do Coroner.

O sr. Paynes, porem, era um funccinario muito meticuloso e porisso começou a examinar os papeis depois de ter dito:

—V. Ex.ª queira desculpar, mas o meu cargo obriga-me a verificar a veracidade das suas affirmações!

—Ora essa! Não são precisas desculpas, meu caro senhor! Tudo está em ordem, verá.

Os circumstantes tinham-se affastado e o sr. Paynes com um gesto cheio de consideração convidára o joven Lord a entrar na bibliotheca.

O Lord entrou, seguido pelo sr. Payner.

Entretanto porém, Sherlock approximou-se da joven Miss e murmurou:

—Então Miss Evelin, nada tem a dizer-me?

A formosa menina lançou um olhar fugitivo para as outras pessoas que iam saindo, e, olhando tambem para seu pae que parecia mergulhado em profundos pensamentos, murmurou de modo a sómente ser ouvida pelo policia.

—Tinha rasão com as suas supposições, senhor! Fiz uma descoberta notavel. Fique sabendo sr. Holmes, que este senhor que se apresenta como filho e herdeiro do velho Lord Randolf tem olhos azues!

—Como?... olhos azues? perguntou espantado o grande policia que esperava ir ouvir uma coisa muito diversa. Mas, seja lá quando fôr, os olhos azues são sempre muito lindos...

Miss Evelin moveu desdenhosamente os formosos e vermelhos labios.

—Ora!... Lindos... lindos! Como se se tratasse agora d'isso! Então não comprehendeu o que eu queria dizer?... Antes de ir para a Africa, Sir Oliveiros não tinha olhos azues, mas sim castanhos!...

O rosto do policia illuminou-se de repente com um clarão de alegria. Vinha lhe á mente um rosto muito pallido onde brilhavam dois olhos castanhos...

—Espero, Miss Evelin, que tornará a vêr os olhos castanhos de Lord Oliveiros!... Mas falando agora seriamente: fez uma descoberta inapreciavel. Peço-lhe porem que não diga nada a ninguem acerca do que descobriu. O melhor seria ir tambem para a bibliotheca, se não tem medo do cadaver.

—Como é que eu hei de ter medo d'aquelle que em vida tão bom foi para mim?... Quanto aquelles que são maus, emquanto vivos só tenho desprezo e repulsões por elles!

—Sou inteiramente da sua opinião, menina! Mas vamos ao que importa. Esteja sempre álerta. Vigie tudo. Vou sair mas volto já.

—Estou certa de que o sr. Holmes, nos não abandonará. Parece-me que nos ameaça a todos um grande perigo e é porisso que mais precisamos de um homem como o senhor.

—Muito me regosijarei se ainda poder vir a ser util a Miss Walpole e a seu noivo! Tenha coragem. Sherlock Holmes véla por si!

O grande policia inclinou-se sorrindo e dirigiu-se para o vestibulo de entrada.

Miss Walpole ficou por algum tempo sem fazer um movimento, olhando cheia de commoção o policia que se affastava. Depois ergueu as mãos e levantou os seus formosos olhos para o ceu, dizendo n'um tom cheio de gratidão:

—Oh meu Deus! meu Deus! como tu és bom! Como hoje me acabas de dar uma prova da tua bondade mandando alguem que véla por nós, por mim e Oliveiros! Tu não podias permittir que a justiça praticasse um crime e que o mal triumphasse...

CAPITULO XII

Um desfecho inesperado

Entretanto o sr. Peynes e o joven que se apresentava como sendo Lord Randolf tinham entrado na bibliotheca. Todos os outros funccionarios policiaes, e entre elles o chefe de Scotland Yard tinha-se ido juntar a elles. Lord e Miss Walpole estavam lá tambem.

—E' aqui Mylord, começou Mr. Peynes com voz tragica, é aqui se encontra sua ex.ª Lord Randolf, barbaramente assassinada com tres tiros de rovolver!...

E descobriu com grande terror de Eveline, o cadaver do velho lord.

—Senhores funccionarios da justiça, os meus sinceros agradecimentos pelo empenho e diligencia que tem mostrado n'este tristissimo caso. Peço-lhes que se não incommodem mais! E já agora aproveito a occasião para tornar publico que destinei 10:000 libras, para serem entregues áquelle que entregar á justiça o criminoso ou criminosos, para que assim soffram o justo castigo. Logo que entre de posse da herança, entregarei a dita somma ao sr. chefe da Scotland Yard.

—Pois bem senhor, disse o sr. Paynes, a quem o joven lord conquistara por completo, creio que nenhuns obstaculos se oppõem a que seja desde já reconhecido como o herdeiro. Se bem me recordo, v. ex.ª deu ao seu sollicitador o testamento, embora isso não fôsse necessario, visto v. ex.ª ser o filho unico, e unico herdeiro.

—Eis aqui as ultimas vontades de sua ex.ª, disse o sr. Tompson, adeantando-se para a secretária aonde collocou o documento.

Mr. Paynes e o inspector da policia, approximaram-se para examinar o documento.

—Não ha duvida possivel, Mylord! disse o sr. Paynes. Tudo está desde já aclarado. Seu pae confessa a sua pena por o ter expulso de casa, rehabilita-o de toda e qualquer suspeita, até da suspeita que um ou outro, não eu! poderia lançar sobre v. ex.ª, pelo facto de ter apparecido assassinado o seu inimigo e administrador d'este castello, o sr. Sanderson.

—O mundo é mau sr. coroner. Como podia elle, horrorosa supposição! suspeitar de um filho?... Mais uma razão eu tenho para ser grato a meu bom pae que n'este seu ultimo documento indicativo das suas derradeiras vontades me illiba de toda a responsabilidade! Este documento que me ordena claramente que volte a Inglaterra é irrefutavel. Peço-lhe que vejam, meus senhores se entre os papeis de meu pae não ha um duplicado. Como o sr. Tompson me communicou, nem elle nem o seu antecessor Bowdem receberam algum. Tenho a certeza de que o hão de encontrar, e então ninguem mais poderá duvidar que eu sou o unico filho e herdeiro de lord Randolf!

Mal o joven lord pronunciara estas palavras, as quaes dissera em voz alta e quando os policias iam proceder á busca, ouviu-se no corredor uma voz que exclamava cheia de indignação.

—Não! larguem-me! Isto é mais do que aquillo que eu poderia supportar. Tenho a paciencia esgotada!

E pelo salão da bibliotheca precipitou-se um mancebo alto e esbelto, com o rosto rubro de colera e que se parecia extremamente, no cabello e barba com o joven lord.

—Aqui está lord Oliveiros Randolf! gritou com voz tremente. Este homem que aqui está é um intruso, um mentiroso e quem sabe se o assassino de meu pae.

Ao entrar, o mancebo que ninguem mais era senão o hospede do Hotel Monopol, que lá se inscrevera sob o nome de Stevens, provocou da parte de miss Evelin um grito abafado. A donzella empallideceu e sentiu fraquejarem-lhe as pernas.

Sherlock Holmes porém inclinou-se para ella, dizendo baixinho:

—Coragem! coragem! minha querida menina!

O mancebo que primitivamente se apresentava como sendo o herdeiro, recuou como se tivesse recebido uma pancada na cabeça. Todo o sangue lhe subira ao rosto.

—O maldito negro, mentiu-me! murmurou imperceptivelmente por entre dentes. Mas depressa recuperou a presença de espirito.

—Eh Ruskin, cão damnado! até aqui te atreves a perseguir-me, miseravel assassino. Escapei em Durban ao teu revolver para vir aqui ser tua victima? Pois então toma, assassino toma! Os senhores perdoem se uso justiça summaria para com este assassino, antes que elle assassine.

Mas um relampago durante as ultimas palavras de Stevens, o supposto Lord tirava do bolso um revolver e então soaram dois tiros que nem a gente do Scotlander Yard nem nenhum dos outros circunstantes petrificodos como estavam poderam evitar.

Sómente Miss Evelin correra para o recem-chegado e dando um grito de terror — «Oliveiros! meu Oliveiros!» — protegera com o seu proprio corpo o d'elle.

Por felicidade os tiros tinham sido desviados pois que Sherlock Holmes que entrara no aposento em seguida a Stevens, espiava os movimentos do supposto Lord... Dera um salto e segurara o braço que sustinha o revolver indo os tiros perder-se no ar.

Por detraz do policia porem entrara uma figura exquisita, alta e membruda de rosto negro e aos saltos como um tigre se fôra aproximando do supposto Lord.

Ao chegar perto déra um salto agarrara-o atirara com elle ao chão.

O engenheiro Stevens approximara-se depois que com um olhar e um beijo que depuzera na branca mãosinha de Miss Eveline, se livrára d'ella que persistia em o proteger.

—Ruskin!... Ruskin!... Não é possivel! Ruskin o meu senhor amigo e collega! Mas... mas elle éra loiro!...

—E' tem olhos azues, Oliveiros! Quando me approximei d'elle logo vi que não eram os teus.

Sherlock Holmes ouvira as palavras que Stevens pronunciára, e rindo fez um gesto a Miss Evelin.

—E' me impossivel deixa-lo em liberdade, Mylord. Além do que vejo que traz uma cabelleira postiça bem como a barba que é tambem postiça. Harry, meu rapaz, desmascara este sujeito, tirando-lhe a cabelleira para que appareça o cabello loiro.

N'aquelle momento Harry Taxon e o negro, tinham entrado trazendo o cadaver de Maleo, o negro que fôra companheiro e amigo de Bumpo. Harry depuzera o cadaver no chão, e com uma rapidez pasmosa arrancou ao supposto Lord, a barba e a cabelleira. Mal o cabello loiro e o rosto todo barbeado do intruso tinham sido postos á vista, o engenheiro Stevens ou antes, Lord Randolf gritou arrebatado pela cólera:

—Oh! meu Deus! Não ha que duvidar! Trahiste-te, maroto! Quando é que eu julgaria que tu eras capaz de praticar uma vergonha, uma patifaria, d'estas. Queres roubar ao teu melhor amigo não só a vida como tambem o nome e o que de resto lhe pertencia! Pois que tu não és mais ninguem senão o patife a quem devo a facada e o tiro que levei em Durban, e dos quaes ainda hoje não estou completamente restabelecido.

—Meus senhores, não acreditem nada do que elle diz! E' tudo mentira. Não me deixem aqui exposto ás violencias e injurias d'um calumniador. Não lhes provei eu já que sou lord Randolf? Sr. inspector, o senhor consente que na sua presença seja roubada a liberdade a um inglez, a um lord, um membro da Camara dos Pares? A minha violenta acção ao ver este patife, não foi mais do que um brinquedo em compensação com o que me está succedendo! Não vê que todos conspiram contra mim? Os meus papeis estão alli: mas os d'este homem onde estão? De modo nenhum os poderá apresentar, porque os não tem...

—Por quem é não se incommode, Ruskin! disse o joven lord com desprezo. O fim que você tinha em vista ao tentar assassinar-me em Durban era sómente apoderar-se dos meus papeis.

—Mente, mente para ahi! já que não tens provas!...

O coroner interveio.

—Meus senhores, peço-lhe que deixem em liberdade este senhor até que se prove a sua culpabilidade ou innocencia, uma vez que este senhor nenhuma outra prova apresenta senão a sua extrema parecença com o seu adversario. Lord e miss Walpole reconheceram este senhor como lord Randolf.

—Agradeço lhe o seu bom juizo, senhor! disse com uma expressão ironica.

Mas lord Walpole adeantara-se para o coroner dizendo:

—Reconheço que me enganei! Fui victima d'um *truc*. Com o cabello que este senhor trazia a toda e qualquer pessoa era facil o engano. Agora que lh'o arrancaram, vê se bem a differença que existe entre elle e o verdadeiro lord.

—Nas minhas palavras não ia implicito o reconhecimento d'este senhor como lord Randolf, disse miss

Evelin. Pelos seus olhos já eu tinha visto que elle nada mais era do que um impostor.

—Mas... o testamento... disse.

—Harry vem para o meu logar mas vê lá, tem cautella. Senhores, tenho aqui o duplicado que estava na secretaria. Como tive occasião de vêr e os senhores podem tambem verificar, o testamento é falsificado! Fazem favor de vêr. Aqui teem uma lente. Ambas as folhas do testamento foram escriptas hontem aqui com a tinta de que o lord se servia. Portanto, accuso este individuo de appellido Ruskin, de ter assassinado lord Randolf e mr. Sanderson servindo-lhe de cumplice um negro, e de ter assim tentado roubar ao joven lord o nome e a herança.

Lord Walpole torcia as mãos, atterrado. O inspetor e mr. Paynes abanavam a cabeça.

—Sr. Holmes, isso não póde ser! Não ha tanta perversidade na terra. Póde lá ser!

—Mentira! tudo mentira! uivou o desconhecido.

E n'um esforço titanico livrou-se de Harry e de Bumpo. Com um murro fizera rolar este pelo tapete e quanto a Harry colhido de surpreza foi parar ao pé da secretaria. Em seguida o criminoso dera um salto para a janela quebrara com um murro as vidraças e precipitara se d'aquella altura bastante rasoavel para o parque.

Mas Sherlock fôra mais rapido do que o criminoso. Tendo-lhe adivinhado os intentos, precipitou se pelo corredor e vestiu o fato do chauffeur do supposto lord poz os oculos e a capa e tudo isto sem deixar de correr. Em seguida agarrou nas bolsas de couro que o groom tinha pousado a um canto da vestibulo precipitou se por este fora e foi se collocar no automovel.

Mal tinha posto o motor a trabalhar e se tinha ageitado no automovel quando o supposto lord appareceu de cabeça nua, e não ficou espantado de vêr já o chauffeur no seu logar.

Ainda bem meu velho! Larga já por ahi fóra com trezentos diabos. Toca para Londres! Quanto mais depressa melhor!

—Albright! respondeu o supposto Burley pondo o automovel em movimento.

O assassino tinha-se assentado com um sorriso ironico que lhe solcava o rosto ao olhar para o sacco de viagem que hia no carro.

—O rapaz tem sorte! Sorte na infelicidade, exclamou em voz alta quando o automovel partiu descrevendo uma curva pela rotunda que havia em frente do castello e mettendo depois pela avenida que d'alli conduzia ao portão. Que leve o diabo o titulo! Tenho as joias e o dinheiro, o que vale mais que todas as honras.

—Mylord, depressa! depressa! Vae acontecer uma desgraça!

—O! diabo cala-te pr'á ahi! Então hein! a gritar d'uma maneira que parece um doido! Que diabo temos?

Mylod, creio que se partiu o guiador! N'este raio d'este parque ha ramos até ao chão! Sempre apanhei uma pancada com um! Tome o guiador. Sabe guiar?

—Era o que me faltava agóra! dizia o assassino contrariado. Mas fez o que Sherlock Holmes desejava Emquanto porem punha as mãos na roda o policia fingiu que lhe queria segurar a mão esquerda e antes que o assassino pudesse dar por isso já tinha um par de algemas nos pulsos.

Sherlock Holmes retomara tranquillamente a direcção do automovel. Voltou com todo o sangue frio para a porta do parque e no meio dos rugidos do assassino que estava longe de suppôr quem era o chauffeur, dirigiu o automovel pela alameda do parque acima. Com uma das mãos guiava e com a outra apontava ao criminoso o revolver que fôra d'este, e conservava-o em respeito.

Ao tucar da buzina todas as pessoas que tinham occorrido ao vestibulo viram com espanto e admiração que era o grande policia quem guiava o automovel.

—Aqui está o criminoso! dizia Sherlock apontando para o criminoso.

Tirou em seguida para fóra do automovel o sacco de viagem. Ao abril-o viram que continha as joias e as sommas roubadas do cofre do Lord e que voltaram para o seu verdadeiro possuidor.

* * *

O engenheiro Villiam Ruskin a quem a cubiça tinha impellido a tão vergonhosas acções espiou os seus crimes algumas semanas depois sobre o cadafalso.

* * *

O joven Lord lamentou por muito tempo a terrivel morte de seu pae e durante muito tempo tambem não poude perdoar a si mesmo o facto de na noite do crime em que a saudade e a nostalgia o tinham conduzido até defronte do castello não ter penetrado no palacio podendo assim talvez ter evitado o crime. Mas o receio de ser reconhecido tinha-se posto em fuga ao ouvir os tiros

Pouco a pouco porem a dôr foi-se extinguindo e um veo de esquecimento a que se vieram juntar o amor e a dedicação de miss Evelina concorreram para suavisar a sua magua. Um anno depois realisou-se no castello de Highbury, propriedade de Lord Walpole o casamento de Evelina com o joven Lord Randolf. Um dos convivas que presentes e que mais festejado foi era Sherlock Holmes.

FIM

Ler no proximo numero:

ODIO DE MULHER

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

◆ ◆ O REI DOS MARES ◆ ◆

AVENTURAS DO CAPITÃO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos

Publicação quinzenal in 8.° grande com capa artistica a 3 côres

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu Viveu e perdurou na tradição como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são proprios lançou mão do aventureiro e da época em que assombrou o mundo com as suas façanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heroes indomaveis que se tornaram temidos com os nomes successivos de **Boucaneiros e Flibusteiros.**

Volumes publicados

1 O thesouro da ilha
2 O segredo do pirata
3 O marinheiro mysterioso
4 O enigma da ilha do Coral.
5 O navio negro
6 Os dois capitães de piratas
7 Inimigos figadaes
8 Expedição para a morte
9 A nau do diabo
10 A cidadella dos piratas
11 O primeiro encontro
12 O naufragio de Morgan
13 Astucias de piratas
14 O terror dos mares
15 O thesouro fluctuante
16 A heroina de Puna
17 O caçador de escravos
18 Nos mares da China
19 Um thesouro no fundo de mares
20 A conquista do diadema
21 Entre os antropophagos
22 No paiz dos celestes
23 O testamento do caçador
24 A jaula de ferro
25 Na fogueira do Rajah
26 Os piratas das ilhas Soulou
27 O falso inquisidor
28 A mulher-pirata
29 A revolta dos flibusteiros
30 Nas costas de Inglaterra
31 O corsario mysterioso
32 O rei da flibusta.
33 A filha do governador
34 Nos mares australianos
35 No polo austral
36 O phantasma de bôrdo
37 A princeza captiva
38 O templo das serpentes
39 Os prisioneiros de cambaia.
40 O palacio da morte

As novellas em que relataremos as aventuras do CAPITÃO MORGAN serão publicadas em numeros quinzenaes

Cada numero contendo uma obra completa **50** réis A publicação mais barata de Portugal

100 maneiras de nos defendermos na rua sem armas.

100 maneiras de nos defendermos na rua com armas.

100 experiencias recreativas e curiosas.

100 experiencias mathematicas.

100 experiencias chimicas.

Cada volume brochado e illustrado **200 reis**

Collecção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionaes novidades litterarias extrangeiras

Volumes publicados

1. **Arsenio Lupin, gatuno da alta roda,** *por Maurice Leblanc (Esg).* **2. O Homem Mysterioso,** *Guy de Téramond.* **3. O tumulo de gelo,** *Pierre Giffard.* **4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes,** *Maurice Leblanc.* **5. Um grito na treva,** *Golsworthy.* **6. O Prisioneiro de Marte,** *G. Le Rouge.* **7. O Club dos Ladrões,** *Henry A. Hering.* **8. A Agulha ôca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin)** *M. Leblanc.* **9. O Homem sem rosto,** *Paul d'Ivoi.* **10 A Virgem Vermelha,** *Pierre Giffard* **11. O Canhão do somno,** *Paul d'Ivoi* **12. Qual dos tres?** *grande romance policial, A. Q. Green.* **13. A Guerra dos vampiros,** *G. Le Rouge.* **14. O Pirata de Ferro,** *Max Pemberton.* **15, As tres gatunas,** *sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi.* **16. Kowa, a mysteriósa** *por Ch. Foley.* **17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin).** *por M. Leblanc.* **18. Em Férias.** *por Henri de Régnier.* **19. O Palacio submarino,** *por Max Pemberton* **20. Um crime tenebroso,** *por A. Galopin* **21. A sombra mysteriosa,** *por Fergus Hume.* **22. O Sonho,** *por E. Zola.* **23. Os dez olhos d'oiro,** *por P. d'Ivoi.* **24. Um gatuno de casaca,** *por E. W. Hornung.*

350 RS. Cada vol. in-4°, contendo a materia de um grosso vol. in-8°, de 300 ○○○ **RS. 350**

Um romance completo por 200 OS BONS ROMANCES Publicação mensal de grande formato **200 REIS**

CADA VOLUME CONTEM 14:00 LINHAS DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, *de Pierre Zaccone.*
O casamento d'um forçado, *de A. Bouvier.*
A aposta maldita, *por Jules de Gastyne.*
Os Facas d'Oiro, *por Paulo Féval.*
As filhas do povo, *por Alexis Bouvier.*
O filho dos boers, *por Rider Haggrt.*
Duvida fatal, *por Marcello Prévost.*
O segredo da desconhecida, *por J. Gastyne.*
Fausto, *por Raoul Verneiul.*

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 REIS OS BONS ROMANCES Publicação mensal de grande formato um bom romance completo

LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Terminada a publicação da primeira série do LIVRO POPULAR, iniciamos a segunda, sensivelmente melhorada, com a formosissima obra de Alexandre Dumas, filho

DIANA DE LYS

Cada volume da nova série do LIVRO POPULAR, além das modificações que julgámos dever introduzir-lhe, está resguardado por elegante **capa artistica a tres côres,** continuando a manter-se o preço de

100 réis - Cada volume - réis 100

MEMORIAS DE SÄR DUBNOTAL

O REI DOS PSYCHOGOGOS

E' uma nova sciencia a sciencia do INVISIVEL, que abraça o conjuncto dos conhecimentos psycho physiologicos, os phenomenos ao

Somnanbulismo	**Telepsychia**	**Suggestão**	**Magnetismo**
Levitação	**Telepathia**	**Hypnotismo**	**Auto-suggestão**

LEIAM AS MEMORIAS DE SAR DUBNOTAL

que profunda todos estes mysterios.

Lel'os é penetrar nos dominios do Sobrenatural, é s multaneamente recrear o espirito e adquirir conhecimentos scientificos.

Breve estará á venda o primeiro episodio d'esta série de novellas, que serão **absolutamente independentes uns dos outros, resguardados por uma elegante capa chromotypographica ao preço de**

100 réis - Cada volume - réis 100

Recebem-se desde já pedidos e assignaturas.

NO PRELO:

O futuro desvendado pelas cartas